

Setembro
Dezembro
2012

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

PROGRAMAÇÃO SET-DEZ 2012

O que temos para vos oferecer neste final de ano é, julgamos, especialmente rico e variado. Às vezes há períodos do ano em que a programação é mais interessante, mais rica, mais intensa, do que noutros. Este é um deles.

Começemos pelo teatro. O primeiro espetáculo que apresentaremos, *Cadáver Esquisito*, foi construído por quatro criadores ou companhias, todos excecionais e já conhecidos do público de Lisboa por trabalhos anteriores. O primeiro criou quinze minutos da peça. O segundo criador viu apenas os 60 segundos finais e acrescentou mais 15 minutos, e assim sucessivamente. Os atores são sempre os mesmos. O resultado é apaixonante e surpreendente. O título remete para uma técnica de escrita coletiva inventada pelos surrealistas franceses que seguia o mesmo princípio de cada participante só conhecer um fragmento do texto do seu antecessor. A companhia nova-iorquina Elevator Repair Service completa a sua trilogia em torno de grandes obras da literatura americana do século XX. Depois dos extraordinários *Gatz* e *O Som e a Fúria*, que apresentámos em 2007 e 2009, poderemos ver o espetáculo *The Select* baseado no romance de Hemingway traduzido em português por *Fiesta*. Absolutamente obrigatório. Os atores Gonçalo Waddington e Carla Maciel, quando este texto é escrito, estão a criar com a dupla de bailarinos Sofia Dias e Vítor Roriz, *Nação Valente!*, que tem como ponto de partida a pergunta “O que é ser português hoje em dia?”. O currículo dos quatro autores justifica a expectativa num excelente resultado.

Passemos à dança. CELEBRAÇÃO é uma festa de dança e *performance* que dura quatro dias e é desenhada por artistas que residem, circulam, se encontram e trabalham em Lisboa. O programa, diferente todos os dias, é muito rico e diverso, espalhado por vários espaços da Culturgest, de entrada livre ou com um preço simbólico. Consulte, por favor, as páginas 40 a 45 e veja se não fica com vontade de aparecer por cá nem que seja só um dia. “Com *O Lamento da Branca de Neve* quero conhecer a matéria real dos sonhos; quero construir um sonho”

diz-nos, sobre esta sua nova criação, Olga Mesa, coreógrafa e artista visual que esteve na Culturgest em 2008. Em 2007 Madalena Victorino apresentou no nosso auditório *Caruma*, que o jornal *Público* considerou o melhor espetáculo de dança do ano. Durante estes anos deu largas ao seu enorme talento em diversas criações espalhadas pelo país. Volta agora ao nosso palco maior com *A Lã e a Neve*, ainda em fase de criação, “sobre a beleza da comunicação”, nas suas palavras. Como sempre, trabalha com artistas profissionais e com pessoas sem qualquer prática artística, neste espetáculo um conjunto de gémeos. Porque “os irmãos amam-se, comparam-se e temem-se juntos. Os gémeos estão ligados de um outro modo”.

Agora a música. Logo no início de setembro é com muito orgulho que acolhemos em estreia um novo projeto português, Quinteto Lisboa, que junta as guitarras de João Gil, José Peixoto e Fernando Júdice, às vozes de Maria Berasarte e Hélder Moutinho. Os temas são de João Monge e João Gil, que tão belas canções nos têm dado ao longo de muitos anos. O resultado, podemos assegurar, é entusiasmante. E para novembro, outro orgulho: os Gaiteiros de Lisboa escolheram a Culturgest para apresentarem na nossa cidade o seu novo CD, *Avis Rara*, tão aclamado já pela crítica. Muito melhor que o disco é ouvi-los ao vivo.

O jazz no Grande Auditório brilha com o piano solo de Craig Taborn (em 2011 obteve o primeiro lugar na categoria “rising star” em piano, órgão e teclado eletrónico, na votação dos críticos da *Downbeat* e nesse mesmo ano editou o seu primeiro disco a solo, na ECM, que tem recolhido enormes elogios) e o Trio de Jim Black, um dos maiores bateristas da atualidade, companheiro de Carlos Bica no Trio Azul. No Pequeno Auditório mais três concertos do ciclo “Isto é Jazz?” bem escolhidos, como sempre, por Pedro Costa.

Mônica Salmaso (que esteve na Culturgest em 2001) vem cantar-nos a “alma lírica brasileira”, uma coleção de canções célebres da música popular brasileira, que Mônica canta como ninguém. Para o *Estado de São Paulo* ela é “a maior de sua geração”.

Reijseger, holandês, é um enorme violoncelista que lidera projetos no jazz, na música improvisada, na música do mundo. Fraanje é um jovem pianista de jazz, também holandês, com uma requintada sensibilidade. Sylla é um músico e cantor senegalês, exímio no domínio dos instrumentos tradicionais do seu país. Reuniram-se pela primeira vez em 2008 para dar um concerto que na altura foi todo improvisado, e desde então têm-se apresentado por esse mundo fora. É tão fácil gostar da música que fazem, bela, brilhante, ritmada, como é difícil de a classificar – algures entre o jazz e a música do mundo, com largo campo para a improvisação. Apaixonante.

O Flamenco tem hoje em dia não só uma exposição por todo o mundo, com inúmeros festivais que lhe são dedicados, como muitos dos seus coreógrafos e bailarinos utilizam uma linguagem contemporânea. *De Flamencas*, de Marco Flores, “um êxito retumbante” no seu país, um espetáculo que se declina no feminino, foi o que escolhemos para este ano. Marco rodeia-se de oito mulheres e constrói um espetáculo de canto e dança contemporâneo, sem dúvida, mas onde a tradição está bem evidente.

A Granular conclui o ciclo de instalações/*performances*, a que chamou *Vinte e sete sentidos*, com três criações em que se tentam caminhos que estão a ser percorridos em direção a um velho ideal de abraçar a totalidade da perceção humana.

Outubro é o mês do doclisboa com quem mantemos uma relação longa e sólida. Mais uma vez acolhemos a sede do Festival e dezenas de sessões onde poderemos ver do melhor que se faz no mundo no cinema documental. É sempre um dos momentos mais altos da nossa programação. No último mês do ano teremos um ciclo dedicado a Edward Yang, um dos grandes cineastas dos finais do século XX. Não é a filmografia integral, porque faltam dois filmes. Mas inclui, por exemplo, a versão restaurada da obra-prima absoluta *A brighter summer day*. E, como de costume, haverá um dia em que apresentaremos uma seleção dos filmes premiados no Cinanima.

No domínio das conferências, vamos ter mais uma “Batalha de Ideias” que apresentamos com os nossos amigos ingleses do Institute of Ideas, desta vez sobre um tema determinante para a nossa vida coletiva – quem decide na Europa? O que está a acontecer à democracia na União Europeia? Uma reflexão que se estende à plateia, depois das intervenções de especialistas. Porque nos diz respeito a todos. A internacionalização da música portuguesa vai ser tema de um dia de debates com a participação dos profissionais do setor. Durante uma semana, cientistas portugueses vão-nos conduzir pelos caminhos das cinco ciências base definidas na Antiguidade Clássica. Augusto M. Seabra, com a sabedoria que lhe é reconhecida, dá-nos um ciclo de conferências sobre a História e a Teoria da Crítica. Um tema urgente no nosso tempo, de crise da crítica. O nosso Serviço Educativo e o Programa Gulbenkian Educação para a Cultura, organizam conjuntamente a 3.ª edição da série de conferências *Em nome das artes ou em nome dos públicos?* Estas conferências adquiriram justificada fama no conjunto das pessoas e instituições que se preocupam com este tema fundamental da relação entre as artes e o público.

E já que estamos a falar do Serviço Educativo, convidamo-lo/a a consultar as páginas que lhe dedicamos mais para o fim desta brochura. Repare na variedade e no interesse das inúmeras iniciativas propostas. Muito provavelmente vai deixar-se seduzir por alguma...

Rosemarie Trockel é uma artista de referência na cena artística internacional dos últimos trinta anos. Algumas obras suas foram incluídas em exposições coletivas realizadas no nosso país. Mas nunca se apresentou uma exposição dedicada exclusivamente ao seu trabalho, todo ele formulado a partir de uma perspetiva precisa, poética e explicitamente feminina que se estende para além do gesto feminista. Essa lacuna é agora preenchida com *Flagrante Deleite*, uma colaboração entre o WIELS, centro de arte contemporânea de Bruxelas, a Culturgest e o Museion de Bolzano, Itália. A não perder, claro.

Continuamos o nosso caminho. Mas agora sem deixar pegada.

Em 2010, a Caixa Geral de Depósitos deu início à concretização do compromisso Caixa Carbono Zero, compensando as emissões de gases com efeito de estufa associadas, entre outros, à Fundação Caixa Geral de Depósitos – Culturgest, que desde 1993 gere os espaços culturais do Edifício Sede da CGD.

O Programa Caixa Carbono Zero é um projeto estratégico, transversal a toda a atividade do Banco e assumido ao mais alto nível da gestão, assente em cinco vetores de atuação: Informar, Reduzir, Compensar, Desenvolver novos negócios e Comunicar.

A CGD foi a primeira instituição financeira portuguesa a aderir ao Carbon Disclosure Project (CDP), uma organização não-governamental que se apresenta como a referência na divulgação de informação sobre estratégias empresariais de resposta às alterações climáticas e que detém a maior base de dados mundial de emissões de carbono de empresas.

No universo Culturgest foi desenvolvido um conjunto alargado de ações: inventariação das emissões de carbono associadas ao consumo de energia, tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, implementação de medidas de

eficiência energética para redução das emissões de carbono.

Desde 2008, as emissões de carbono da Culturgest têm decrescido progressivamente – cerca de 35%, também devido a fatores naturais de produção de energia favoráveis. Novas medidas como a utilização de lâmpadas com maior eficiência energética, a instalação de sensores de presença em zonas de passagem e armazéns/arrumos e a alteração do sistema de iluminação cénica do auditório continuarão a contribuir para a redução dos consumos de energia. Estas medidas permitem diminuir em cerca de 16.500 kWh/ano o consumo

de eletricidade, o equivalente ao consumo médio de cinco habitações, durante o mesmo período.

Tem existido também uma forte aposta na utilização de energias renováveis como é o caso da Central Solar Térmica instalada no topo do Edifício. Esta Central permite uma poupança de mais de 1 milhão de kWh de eletricidade por ano, o equivalente a cerca de 1 kg de CO₂e por cada minuto de funcionamento.

Estas e outras medidas resultaram na atribuição de um Certificado de Desempenho Energético e de Qualidade do Ar Interior A+ a este edifício e na obtenção do Prémio EDP – Energia Elétrica e Ambiente, uma iniciativa que distingue as empresas que demonstram ter conseguido otimizar a eficiência da energia elétrica no respeito pelos valores do ambiente.

A preocupação com um consumo mais eficiente é transversal ao recurso água. Foi implementado um conjunto de medidas, das quais se podem destacar a instalação de reductores de caudal em mais de 600 torneiras do edifício e de equipamentos de lavagem de loiça que permitem a reciclagem de água na cantina. A redução de consumo, apenas no primeiro semestre de 2010, foi de 9.000m³ (9.000.000 litros).

A gestão correta dos resíduos constitui mais um objetivo para a Culturgest. Sempre que possível, estes são devidamente encaminhados para soluções de valorização. Aliás, a gestão de resíduos dos espaços Culturgest é, na

sua maioria, partilhada com o sistema de gestão global do edifício, cuja taxa de reciclagem se situa acima dos 90%. Assim, não só se garante a sua transformação em novos produtos, como se evita a emissão de mais de 470 toneladas de carbono por ano, associadas ao seu encaminhamento para incineração ou aterro.

Estas iniciativas não são, por si só, suficientes para evitar por completo as emissões de carbono associadas à utilização destes espaços. A Culturgest compensa as emissões que não consegue evitar através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projeto tecnológico localizado no Brasil.

Este projeto consiste na instalação de um sistema de cogeração que utiliza resíduos de biomassa como combustível, permitindo substituir as caldeiras a fuelóleo anteriormente utilizadas e reduzir o consumo de eletricidade da rede, gerando uma redução das emissões de CO₂ associadas ao funcionamento da instalação. O projeto cumpre os requisitos *Voluntary Carbon Standard* (VCS). No total serão compensadas cerca de 739 toneladas de dióxido de carbono equivalente (CO₂e) relativas ao ano de 2010.

Culturgest,
Espaço CarbonoZero®

Resumindo, estas são as principais medidas adotadas:

• **Central de energia solar que beneficia todo o Edifício Sede da CGD**

- **Utilização de lâmpadas de baixo consumo energético**
- **Sistema de gestão de iluminação que desliga as luzes automaticamente fora do horário de trabalho**
- **Sistema de ar condicionado dos escritórios desligado aos fins de semana**
- **Sistema de ar condicionado das zonas de público ligado apenas nos períodos de espetáculos**
- **Sistema de shutdown automático dos computadores fora do horário de trabalho**
- **Impressoras centralizadas, com configuração de impressão de baixa qualidade e de dupla face por defeito**
- **Fora dos períodos de maior circulação, metade dos elevadores são desligados**
- **Caixotes de lixo com separação por tipos para reciclagem**
- **Diminuição progressiva da utilização de suportes em papel para a divulgação, privilegiando a divulgação por meios eletrónicos (Internet e e-mail)**
- **Empréstimo de equipamento cénico mais antigo a teatros com menores recursos técnicos (poupança na energia incorporada no fabrico de novos equipamentos)**
- **Utilização de materiais reciclados nos ateliers do serviço educativo**
- **Ações de sensibilização a todos os funcionários sobre comportamentos ambientalmente corretos**



Música

- 12 **Quinteto Lisboa**
- 14 **Lotte Anker, Fred Frith, Ikue Mori**
- 20 **Craig Taborn**
- 22 **Alma Lírica Brasileira** Mônica Salmaso
- 24 **Charlemagne Palestine**
- 36 **Avis Rara** Gaiteiros de Lisboa
- 46 **Jim Black Trio**
- 50 **Gabriel Ferrandini, Pedro Sousa, Johan Berthling**
- 52 **Calhau!**
- 60 **Trio Reijseger, Fraanje, Sylla**
- 62 **Oren Ambarchi**
- 68 **William Parker**

Conferências / Debates / Leituras

- 16 **Comunidade de Leitores** por Helena Vasconcelos
- 26 **1ª Conferência de Internacionalização da Música Portuguesa e Lusófona**
- 28 **A Europa de amanhã: tecnocracia ou democracia? Quem decide?** Battle of Ideas · Eventos Satélite 2012
- 32 **Semana das Ciências de Sempre**
Ciclo comissariado por Clara Pinto Correia
- 48 **História e Teoria da Crítica** por Augusto M. Seabra
- 56 **Em nome das artes ou em nome dos públicos?**

Teatro

- 18 **Cadavre Exquis** de Kassys em colaboração com Nature Theater of Oklahoma, Tim Crouch e Nicole Beutler
- 30 **The Select (The Sun Also Rises)**
de Elevator Repair Service
- 64 **Nação Valente!** uma criação de Gonçalo Waddington, Carla Maciel, Sofia Dias & Vítor Roriz

Instalação / Performance

- 34 **dupla cena**
- 58 **The Secret Apprentice**
- 76 **Contact**
- Cinema**
- 38 **doclisboa 2012**
- 70 **Cinanima**
- 72 **Edward Yang – Histórias de Taipei**
Ciclo comissariado por Augusto M. Seabra

Dança / Performance

- 40 **CELEBRAÇÃO**
- 54 **Labofilm & 1: O Lamento da Branca de Neve**
de Olga Mesa

Dança / Música

- 66 **De Flamencas**
- 78 **A Lã e a Neve** uma criação de Madalena Victorino
com música de Carlos Bica e João Paulo Esteves da Silva

Exposições

- 82 **Jef Geys** As Sombras de Lisboa
- 84 **António Palolo** Os filmes
- 86 **Rosemarie Trockel** Flagrante Deleite
- 88 **Pedro Casqueiro**
- 90 **(pausa)**
- 92 **Renato Ferrão** Peças de substituição
- 94 **Pedro Sousa Vieira**
- 98 **Serviço Educativo**
- 108 **Informações**

Programação

Quinteto Lisboa

SEX 7 DE SETEMBRO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h15 · 18€
Até aos 30 anos: 5€

M3

Bilhetes adquiridos até 15 de agosto: 15€ (não acumulável com outros descontos)

Guitarra João Gil **Guitarra** José Peixoto **Baixo acústico** Fernando Júdice **Voz** Maria Berasarte **Voz** Hélder Moutinho
Textos João Monge **Músicas** João Gil **Sonorização** Carlos Jorge (Cajó) **Desenho de luz** Pedro Leston **Fotografia** Carlos Ramos
Vídeos Aurélio Vasques **com iluminação de** Pedro Leston

A história que o Quinteto Lisboa vem contar, é simples. Tem por base o mesmo tipo de registo criativo que deu origem aos projetos musicais nascidos na década de 80. Tal como então, trata-se de dar uma alma nova ao fado, levando compositores e intérpretes a encontrar o melhor da canção de Portugal.

O Quinteto Lisboa é um projeto que surge a partir da cumplicidade de vários anos entre a dupla de compositores João Monge (letrista) e João Gil (músico e guitarrista) – ambos fundadores da Ala dos Namorados – e de dois dos músicos que fizeram parte da segunda formação dos Madredeus, José Peixoto (guitarrista) e Fernando Júdice (baixista). As vozes são de Hélder Moutinho e Maria Berasarte.

O primeiro é um fadista da geração que surgiu na década de 90 e que faz parte do panorama musical do fado, com três discos editados entre os quais um deles premiado como melhor disco de fado (Prémios Amália Rodrigues 2005). Maria Berasarte é uma cantora nascida em San Sebastian no País Basco e que após diversas colaborações com grandes músicos e compositores espanhóis como Javier Limon ou José Luís Montón veio a gravar o seu primeiro disco *Todas Las Horas Son Viejas*, considerado pela crítica portuguesa como o melhor disco de fado gravado por uma voz estrangeira.

Depois de grandes canções criadas para os grupos Trovante, Ala dos Namorados, Filarmónica Gil, Rio Grande, Fados de Amor e Pecado e Baile Popular, os compositores João Monge e João Gil sentiram uma grande necessidade de criar algo que marcasse o “movimento” para aquela que pressentem venha a ser a “nova Música Urbana Portuguesa” MUP.

O Quinteto Lisboa marca assim o “tempo certo” de um novo género musical que surge de uma grande vontade de ser português.

Quinteto Lisboa is a project based on a longstanding partnership between João Monge (lyrics) and João Gil (composer/guitar) – both founder members of Ala dos Namorados – plus two ex-members of Madredeus, José Peixoto (guitar) and Fernando Júdice (bass), and the versatile, award-winning fado singers Hélder Moutinho and the Basque-born Maria Berasarte. Their aim is to give a new soul to fado by contributing something special to the new musical genre of “Portuguese Urban Music”, born of the strong desire to be Portuguese.



© Carlos Ramos

Lotte Anker, Fred Frith, Ikue Mori

SÁB 15 DE SETEMBRO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h
5€ (preço único)

M3

Saxofones Lotte Anker **Guitarra** Fred Frith
Eletrónica Ikue Mori

Num cenário em que não se encontram muitas mulheres saxofonistas, Lotte Anker é uma das três que mais têm dado que falar nestes últimos anos. As outras são Matana Roberts, norte-americana, e Ingrid Laubrock, alemã radicada em Nova Iorque que antes agitara os circuitos de Londres. A dinamarquesa não necessitou de transferir residência para a capital mundial do jazz – a sua base de trabalho tem sido a Europa, e quando calha serem americanos os seus parceiros, como Craig Taborn, Gerald Cleaver, Tim Berne, Marilyn Crispell, Herb Robertson e outros tantos, é com ela que vêm ter, e não o contrário. Nada há de verdadeiramente surpreendente nisso: Anker não só está no pódio do saxofone feminino, como integra o número dos mais interessantes sopradores da atualidade, independentemente do seu sexo.

Pelo Velho Continente as suas muitas andanças têm sido feitas com gente ilustre como Mats Gustafsson, Hasse Poulsen, Phil Minton, Chris Cutler, Barry Guy, Peter Brotzmann, Sten Sandell, Thomas Lehn e Paul Lovens, para só referir alguns dos nomes que, apenas pela sua menção, dizem muito do percurso que fez até à data. Entre o *avant-jazz* e a música livremente improvisada, a personalidade musical de Lotte Anker caracteriza-se por procurar novas soluções e novos desenvolvimentos numa linguagem que, para tal, não necessita de romper com os seus legados históricos. Antes pelo contrário: são estes que alimentam a construção do futuro que vem realizando.

É dos Estados Unidos que vêm os restantes dois músicos deste trio de que é a voz melódica, mas são outras as suas proveniências originais: Fred Frith é inglês e Ikue Mori japonesa, residindo um em S. Francisco e a outra na Big Apple. Também pela formação instrumental do grupo se verifica o seu âmbito de ação: trata-se de música eletroacústica improvisada, umas vezes com a emergência de derivados idiomáticos do jazz, do rock e da música erudita contemporânea, e em outras ocasiões sendo impossível identificar o que surge da sua cooperação. A este tipo de abordagem deu Anthony Braxton uma designação abrangente: música criativa. É isso que vamos ouvir, inventividade...

This trio is formed by the Danish Lotte Anker, Englishman Fred Frith and Japanese Ikue Mori, who play an improvised form of electric-acoustic music. Described by Anthony Braxton as “creative music”, it sometimes appears to derive from jazz, rock and contemporary erudite music, while at other times it is impossible to identify its origin. Lotte Anker, one of the few female saxophonists to have unquestionably established herself on the contemporary music scene, is based in Europe, while the other two are based in the United States.

Ciclo “Isto é Jazz?” · Comissário: Pedro Costa



© Miriam Nielsen



© Chippy



Comunidade de Leitores

A Viagem são os Viajantes

por Helena Vasconcelos



© seraficus

QUINTAS-FEIRAS
20 DE SETEMBRO
4 DE OUTUBRO
8 E 22 DE NOVEMBRO
6 E 20 DE DEZEMBRO

Sala 1 · 18h30

Inscrições até 13 de setembro
(limite 40 pessoas) na
bilheteira da Culturgest, pelo
tel. 21 790 51 55 ou pelo e-mail
culturgest.bilheteira@cgd.pt

20 de setembro

O Retorno, Dulce Maria
Cardoso, Ed. Tinta-da-China

4 de outubro

A Viagem, Virgínia Woolf,
Ed. Presença

8 de novembro

Coração das Trevas, Joseph
Conrad, Ed. Relógio D'Água
[ler também a *Ode Marítima* de
Álvaro de Campos (Fernando
Pessoa)]

22 de novembro

Utz, Bruce Chatwin,
Ed. Quetzal

6 de dezembro

O Grande Bazar Ferroviário,
Paul Theroux, Ed. Quetzal

20 de dezembro

Viagens na Minha Terra,
Almeida Garrett (qualquer
edição)

As viagens são os viajantes,
Bernardo Soares

Viajar e “fazer turismo” são atividades diferentes, embora partilhem o mesmo impulso físico, as mesmas alegrias e, por vezes, as mesmas agruras e privações. Mas se é verdade que as primeiras viagens se fizeram por necessidade absoluta – os nossos longínquos antepassados seguiam o rastro dos alimentos, fugiam de condições atmosféricas adversas, procuravam abrigo e comida onde lhes era mais propício – o turismo nasceu com a Revolução Industrial e com a “invenção” do conceito de lazer, algo inconcebível antes do século XIX. No entanto, o anseio de viajar tem raízes mais complexas e serve de metáfora da própria existência: à roda do quarto (como de Maistre) ou em paragens longínquas, por razões económicas (descoberta de novos lugares e de novas abastanças), políticas (espionagem, diplomacia), militares (conquistas, ocupação de território), religiosas (peregrinações, cruzadas), ou culturais (a partir do século XVIII, o “Grand Tour” tornou-se uma obrigação para o ritual da aprendizagem), o ato de partir, de procurar, de encontrar (ou não) é ânsia para muitos e maldição para alguns. Nesta Comunidade percorreremos os espaços de iniciação com Woolf e acompanharemos viagens de doloroso (re)conhecimento na obra de Dulce Maria Cardoso e na de Conrad – em direções opostas.

Theroux é de opinião que os turistas nunca sabem onde estiveram e os viajantes nunca sabem para onde vão, como bem demonstra na sua epopeia pela Índia e Chatwin, o grande vagabundo, cria, em *Utz*, um estranho não-viajante. Com Garrett e a viagem “novelística” fecha-se este ciclo de leituras, durante o qual tentaremos detetar as causas – curiosidade, inquietação, desejo, fuga, aprendizagem, emoção, antídoto contra o medo – e os efeitos das deambulações dos grandes e eternos inquietos. Mark Twain afirmou: “não existe nada mais prejudicial para o preconceito, para o fanatismo e para a intolerância do que as viagens”. Não podia ter mais razão. Viajemos, então, pelas palavras.

Travelling and tourism are different activities, despite sharing the same joys and disappointments. While people first travelled out of necessity, tourism is based on the idea of “leisure”. The wish to travel can, however, be a metaphor for life itself. In this Community of Readers, we take our first steps with Woolf and move on to Dulce Maria Cardoso, Conrad, Theroux, Chatwin and Garrett, seeking to find why they travelled. Mark Twain said: “Travel is fatal to prejudice, bigotry, and narrow-mindedness”. How right he was! So, let us travel through words.

Cadavre Exquis

Cadáver Esquisito

de Kassys em colaboração
com Nature Theater of Oklahoma,
Tim Crouch e Nicole Beutler



© Mette van der Sijts

DE QUI 20 A DOM 23
DE SETEMBRO

Palco do Grande Auditório
21h30 (dom às 17h)
Duração: 1h20
15€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Espectáculo em inglês,
parcialmente legendado
em português

Encenadores Liesbeth Gritter (Kassys), Pavol Liška & Kelly Copper (Nature Theater of Oklahoma), Tim Crouch e Nicole Beutler (nb projects) **Intérpretes** Esther Snelder, Hannah Ringham, Jarid Rychtarik e Bas van Rijnsoever **Coordenação e assistência artística** Mette van der Sijts **Desenho de luz e técnica** Adriaan Beukema **Produção** Kassys (Merrill Abrahams) **Coprodução** Kunstencentrum Vooruit, Culturgest, Kunstencentrum BUDA, Mousonturm e Festival Züricher Theaterspektakel **Apoio** Fonds Podiumkunsten e VSBfonds **Estreia** 26 de abril de 2012, Kunstencentrum Vooruit, Gent

Um *cadáver esquisito* é um jogo coletivo surrealista. Por exemplo: o primeiro autor escreve um verso num papel; depois dobra-o de forma a que só fique visível a última palavra; o segundo escritor continua (vai ser conduzido, ou não, por aquela última palavra); segue-se o terceiro escritor, etc.

Cadavre Exquis é uma experiência levada a cabo por quatro criadores: Kassys, Nature Theater of Oklahoma, Tim Crouch e Nicole Beutler. Foi criado como uma estafeta performativa: uma passagem de testemunho com limitações estritas. Usando sempre os mesmos quatro *performers*, cada companhia trabalhou durante duas semanas e criou aproximadamente quinze minutos da peça como resposta a ter testemunhado apenas os 60 segundos finais dos quinze minutos criados pela equipa anterior.

Kassys é uma companhia holandesa que apresentou *LIGA – 50% Reward 50% Punishment* em 2010 na Culturgest; os nova-iorquinos Nature Theater of Oklahoma têm sido presença regular em Lisboa (Teatro Maria Matos e Alcantara festival), com peças como *No Dice* e os dois primeiros episódios de *Life and Times*; o britânico Tim Crouch também é já conhecido do público lisboeta (*England* e *The Author* foram os últimos espetáculos seus vistos na Culturgest); de Nicole Beutler, coreógrafa alemã que trabalha em Amesterdão, podem destacar-se as peças *1: Songs*, *2: Dialogue with Lucinda* e *3: The Garden*.

Cadavre Exquis is an experiment undertaken by four theatre companies: Kassys, Nature Theater of Oklahoma, Tim Crouch and Nicole Beutler. *Cadavre Exquis* has been created as a performance relay under strict limitations. Using the same four performers throughout, each contributor worked for two weeks and made approximately fifteen minutes of work in response to witnessing only the last 60 seconds of the previous contributor's fifteen minutes.

Craig Taborn



© Rue Sakayama

QUA 26 DE SETEMBRO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h30
18€ · Até aos 30 anos: 5€

M3

A delicadeza levada a novas alturas. Steve Greanlee, Jazztimes

No centro do trabalho de Taborn está o fascínio pelo puro som. Nate Chinen, New York Times/International Herald Tribune

O génio de Taborn (não há outra palavra) constrói um mundo de figuras murmuradas, de amplos espaços, de sonoras e vibrantes melodias, de ecos que se evaporam, de incandescentes cascadas contrapontísticas tão absorventes como se estivesse a tocar os maiores sucessos do bebop. John Fordham, The Guardian

O problema esteve sempre em como capturar as coisas que eu ouvia, porque quando toco a solo estou mesmo a ouvir intensamente as subtis nuances do piano. Craig Taborn em entrevista à Downbeat

Piano Craig Taborn

Para alguém tão interessado pelos teclados eletrónicos, tem sido uma surpresa a mais recente dedicação de Craig Taborn ao piano, dedicação essa que, no álbum *Avenging Angel* (ECM, 2011), encontra o seu máximo expoente. O Craig Taborn solista é bem diferente daquele que ouvimos como *sideman* e à frente dos seus próprios grupos. Tudo se concentra na íntima relação física, mecânica e neurológica de um músico com o seu instrumento. São as propriedades deste que dão as pistas para os desenvolvimentos aplicados pelo executante.

Sem uma partitura previamente estabelecida e sem qualquer estruturação intencionada, cada solo de Taborn é uma improvisação, mas uma improvisação que se desenrola composicionalmente, estruturando-se à medida que a atuação decorre. A improvisação é composta em tempo real: “Muito simplesmente, começo a tocar. Mas assim que começo, procuro relacionar tudo o que acontece, designadamente os motivos, os ritmos e as texturas, às ideias iniciais.” Em vez de continuamente avançar para novas situações, Craig Taborn explora até à exaustão os materiais que vão surgindo, desconstruindo-os e reconstruindo-os, derivando deles e a eles regressando, sem temer a repetição nem o carácter obsessivo deste trabalho.

Craig Taborn nasceu em Golden Valley, no Minnesota. Estudou na University of Michigan, em Ann Arbor, na mesma altura em que teve a oportunidade de tocar com alguns músicos da cena de Detroit, como Marcus Belgrave, Harold McKinney e Kenny Cox. Depois de, durante alguns anos, ter colaborado com o saxofonista James Carter, teve como parceiros tanto figuras do *mainstream* do jazz como da vanguarda, incluindo Wadada Leo Smith, Steve Coleman, Tim Berne, Roscoe Mitchell, Drew Gress, Gerald Cleaver, William Parker, Bill Laswell, Mat Maneri, Marty Ehrlich, Bill Frisell, David Binney, Dave Douglas, Rudresh Manhappappa e Graham Haynes. O seu percurso tem passado, igualmente, por outros idiomas musicais, como, por exemplo, o grupo de eletrónica de dança Meat Beat Manifesto e a banda de *noise-punk* The Gang Font.

For someone who is so fond of electronic keyboards, Craig Taborn's more recent devotion to the piano has been quite surprising, reaching its peak on the album *Avenging Angel*. As a soloist, his music is completely different from when he plays in groups. Everything boils down to the close physical, mechanical and neurological relationship that he has with his instrument. Played without any score, each of his solos is an improvisation that finds its structure as the performance develops. He exhaustively explores the materials that appear before him, deconstructing and reconstructing them.

Alma Lírica Brasileira

Mônica Salmaso



QUI 27 DE SETEMBRO

Grande Auditório
21h30 · Duração aprox. 1h30
18€ · Até aos 30 anos: 5€

M3

Voz Mônica Salmaso Saxofone e flautas Teco Cardoso
Piano Nelson Ayres Produção Carla Assis

Mônica Salmaso esteve na Culturgest em outubro de 2001. Na altura com 28 anos, tinha gravado três CDs e recebido, entre outros, o Prémio da Associação Paulista de Críticos de Arte.

Vem agora depois de onze anos, quatro álbuns, extensas digressões e a confirmação de ser uma enorme artista, com o seu mais recente projeto, gravado em disco em 2011.

Como ela conta, acabada uma grande viagem pelo Brasil com um espetáculo em que só interpretava canções de Chico Buarque e era acompanhada pelo grupo Pau Brasil, “apareceu um convite para um show com formação reduzida. Eu e o Teco [seu marido, membro do Pau Brasil] pensamos em convidar o Nelson [também membro da mesma banda] e fazer este trio. Logo no primeiro ensaio, ao invés de adaptarmos os arranjos do repertório que estávamos fazendo por dois anos, novas músicas começaram a aparecer, resultado deste encontro”. As canções foram surgindo como numa descontraída e quente conversa de amigos – “Você lembra daquela? Aquela é mesmo legal!” – sem um plano ou uma orientação pré-estabelecida. Mônica continua: “Ao final de um ano com este trio fazendo shows esporádicos, eu percebi que este trabalho resumia a expressão ‘Alma Lírica Brasileira’ que eu sempre escutei sobre o meu trabalho desde que comecei. Percebi que este show era o que eu queria dizer”.

De entre as canções que vamos poder ouvir, estão temas de Villa-Lobos, Tom Jobim e Vinicius, Chico e Edu, Wisnik, Violeta Parra e muitos outros. Nem falta o *Trem das Onze* de Adoniran Barbosa (lembra-se? “Não posso ficar/Nem mais um minuto com você/sinto muito amor/Mas não pode ser)

As canções são todas lindas. E a interpretação delicada e excepcional. Vale mesmo a pena encontrar, ou reencontrar, Mônica Salmaso. E fixar esse nome para sempre.

A cantora é a maior de sua geração e não precisa de provar mais nada a ninguém.

O Estado de São Paulo

Nada como ouvir uma intérprete que sabe o que cantar.

Folha de São Paulo

Mônica Salmaso lapida clássicos do cancionero popular.

O Dia

Having first performed at Culturgest in 2001, Mônica Salmaso now returns with her most recent project, recorded in 2011. After touring Brazil with a larger band and a show in which she only sang songs by Chico Buarque, she formed a trio with her husband Teco Cardoso and Nelson Ayres that she felt reflected the “Brazilian Lyrical Soul” (*Alma Lírica Brasileira*), playing songs that they chose together without any pre-established criteria. The trio’s repertoire includes songs by Villa-Lobos, Tom Jobim and Vinicius, Chico and Edu, Wisnik, Violeta Parra, and many others.

www.monicasalmaso.mus.br

CaixaBI
Banco de Investimento
GRUPO CAIXA GERAL DE DEPOSITOS

Charlemagne Palestine

Ciclo de concertos comissariado por Filho Único



QUI 29 DE SETEMBRO

CULTURGEST PORTO
22h · Duração aproximada: 1h
5€ (preço único)

M3

Bilhetes à venda nos locais habituais (ver Informações e Reservas no final deste programa) e na Culturgest Porto, Av. dos Aliados 104, no horário de funcionamento da galeria e no dia do espetáculo (a partir das 19h), até à hora de início do mesmo.

Voz e eletrónica Charlemagne Palestine

Charlemagne Palestine é um decano compositor, *performer* e artista visual. Nos anos 60 estudou música eletrónica com Morton Subotnick na New York University, teve aulas de raga vocal com Pandit Pran Nath (o primeiro emissário da música clássica indiana no Ocidente), tendo também ingressado na Columbia University e no Mannes College of Music. Até final dessa década produziu trabalho que demonstra um compositor em maturação, evocando a escola dos sacerdotes eletrónicos do decisivo círculo de Darmstadt, mas leal à matriz da sua lógica imprevisível em *performance* de *chaos out of chaos*, que amiúde confundiu distintos associados da comunidade Fluxus que o convidavam para colaborar com ele, as artes plásticas no geral e no particular, ou até o próprio John Cage. Em 1970 partiu para a Califórnia e estudou na profícua Cal Arts. Ao regressar em 1973 a Nova Iorque, tornou-se badalado na cena da *downtown* pelos seus longos recitais ao comando de um *grand piano* Bösendorfer, aplicando a abordagem única que desenvolveu de *strumming* para piano, geradora de uma multiplicidade de harmónicos de extensão inaudita. Tem sido nessa via de tonalismos infinitos e hipnóticos, a vários níveis decorrente do minimalismo, que Palestine se tem focado para as suas composições. Contudo, e ainda mais no fulcro de todas as suas operações pluridisciplinares, fica um trabalho pan-religioso, ritualista para lá de qualquer teologia específica (o Sr. Palestine é, provavelmente, o judeu que tocou em mais órgãos de igrejas católicas no mundo), que procura orquestrar várias práticas ritualistas, no sentido do paganismo mais benigno. De *Strumming Music*, passando por *Schlingen Blaengen*, ao seu fulcral filme *Island Song*, e até concerteza a esta atuação, encontramos no trabalho deste incatalogável e indestrutível artista uma enorme coerência e união de meios e ideias que define o seu trajeto humano e artístico.

Filho Único

Charlemagne Palestine is a veteran composer, performer and visual artist, who studied electronic music with Morton Subotnick and vocal raga with Pandit Pran Nath in the 1960s. Returning to New York in 1973, he became famous on the downtown scene for the multiple, hypnotic harmonic overtones of his long and unique recitals of piano “strumming”. He has been developing a pan-religious and ritualistic work that goes beyond any specific theology towards the most benign form of paganism. We shall certainly find in his performance here, as in his work through the years, the enormous coherence and reunion of means and ideas that define his human and artistic path.

www.charlemagnepalistine.org

1ª Conferência de Internacionalização da Música Portuguesa e Lusófona



© Mark Evans

SEG 1 DE OUTUBRO

Pequeno Auditório
Das 9h30 às 19h · 30€A partir de 4 de setembro,
consulte o programa
da conferência no site
www.culturgest.ptOrganização Musica.pt, Culturgest
Apoio Institut français, Portugal

Portugal é conhecido como o país do fado. Mas o nosso Portugal contemporâneo é mais do que o fado; hoje em dia Portugal é o passado e o futuro, com toda uma nova geração de artistas, dos mais variados estilos e estéticas, da música erudita, ao metal de Moonspell, passando pelo *blues-folk* de Frankie Chavez; do pop de David Fonseca e Rita Redshoes ao one-man band The Legendary Tiggerman; passando pelas histórias de sucesso de grandes nomes como Madredeus e Mariza.

Em qualquer mercado exportador de música, os principais motores da internacionalização são os artistas e as suas equipas profissionais mais próximas: os seus *managers* e agentes. Também é habitual, se espreitarmos os exemplos ingleses e canadianos, encontrar algumas editoras (tipicamente associadas às Associações de Labels Independentes) participantes nos Export Offices desses países. Mas são os *managers* que fazem os contactos iniciais para a exportação, são os agentes que andam pelas feiras; são assumidamente os protagonistas na internacionalização da música do seu país.

A internacionalização da música e dos artistas de um determinado país movimentam não só as várias indústrias musicais (concertos, edições, etc.) bem como toda a economia envolvente a essas atividades, desde a hotelaria aos fabricantes. Como tal, a cultura é uma atividade de interesse público não só pelo seu valor intrínseco, reconhecido pela vasta maioria dos países desenvolvidos, mas também pelo seu valor económico e potencial de desenvolvimento de um grande número de setores.

Depreende-se desse raciocínio que tanto os setores público como privado têm um interesse ativo na sua participação e envolvimento com a música e com os artistas; do lado público, em vários países não é só o dossier da Cultura que apoia a internacionalização; são também os respetivos Ministérios dos Negócios Estrangeiros e da Economia que contribuem para a internacionalização dos produtos culturais.

Portugal is known as the country of *fado*. But today's Portugal is more than that; it is both the past and the future, with a whole new generation of musicians, of varying styles and tastes. In any music export market, the main driving forces are the musicians themselves, along with their managers and agents. The internationalisation of a country's music and artists not only revitalises its music industries, but also the economy as a whole. Culture is therefore of great public interest, not only because of its intrinsic value, but because of the potential development it brings to many sectors.

A Europa de amanhã: tecnocracia ou democracia? Quem decide?

Tomorrow's Europe: technocracy or democracy? Who decides?

Battle of Ideas · Eventos Satélite 2012

SEG 1 DE OUTUBRO

Grande Auditório
18h30 · Entrada gratuita
 Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Debate em inglês/português com tradução simultânea

O Institute of Ideas (IOI) (www.instituteofideas.com) criou, desde 2000, um fórum para debate público sobre temas sociais complexos. Uma das suas iniciativas é um festival de dois dias, Battle of Ideas, que todos os anos se realiza em Londres em finais de outubro.

Paralelamente o IOI organiza Eventos Satélite em várias cidades do Reino Unido, de países europeus, na Índia, em Nova Iorque. Desde 2010 que,

em colaboração connosco, apresenta em Lisboa um desses eventos.

Este ano vamos debater o tema “A Europa de amanhã: tecnocracia ou democracia? Quem decide?”,

introduzido por: Maria Lúcia Amaral, Doutora em Direito Constitucional pela Universidade de Lisboa, Professora Catedrática da Universidade Nova de Lisboa, Juiz no Tribunal



Constitucional; José Castro Caldas, doutorado em Economia pelo ISCTE onde foi professor, atualmente investigador no CES da Universidade de Coimbra. Os seus principais interesses de investigação atuais incluem a deliberação individual e coletiva, a economia institucionalista e a história da economia; Pedro Magalhães doutorado em Ciência Política pela Universidade de Ohio (EUA), investigador no ICS da Universidade de Lisboa. Atualmente investiga sobre opinião pública, atitudes políticas e comportamento eleitoral. Com D. Sanders e G. Tóka é coeditor do livro *Citizens and the European Polity: Mass Attitudes Towards the European and National Politics*, Oxford Univ. Press, 2012. Bruno Waterfield, correspondente em Bruxelas do *Daily Telegraph*, autor de *No Means No*.

O debate, que se estenderá ao público, é moderado por Claire Fox, diretora do IOI.

A Europa de amanhã: tecnocracia ou democracia? Quem decide?

A afirmação segundo a qual não há alternativa a uma política de contenção orçamental é ouvida constantemente por toda a Europa. Mas, pode dizer-se, se não há alternativa, não há democracia. Votar arrisca-se a não ser mais do que carimbar simbolicamente políticas que economistas e tecnocratas decidiram ser um necessário remédio amargo para as nações soberanas. Grécia, Irlanda e Portugal

negociaram acordos de ajuda com responsáveis da Troika por cima dos seus eleitores.

Havia já um problema com a democracia na Europa antes da presente crise – visto como uma crescente apatia e um desinteresse pela política –, mas certamente que a crise o tornou muito mais agudo. Alguns comentadores agora recebem uma reação populista vinda de baixo contra as exigências de austeridade e veem-na no sucesso do crescimento de partidos extremistas de esquerda ou de direita na Grécia, Holanda, França e outros países. Será que estamos a presenciar o reaparecimento daquela política “da rua”, nacionalista, cuja contenção é a razão de ser da construção da estrutura supranacional da UE? Estaremos a viver tempos em que a democracia é vista como uma diversão e, ainda pior, como um perigoso desvio àquilo que nos dizem ser o que a Zona Euro realmente precisa? Uma solução que apenas um painel de especialistas pode definir por nós? Será a política, em sentido amplo – a luta entre visões alternativas sobre o que é a vida boa – qualquer coisa que apenas serve de empecilho a economistas que poderiam remediar as coisas se ao menos lhes dessem carta branca? Será que os eleitores que põem em primeiro lugar o seu próprio interesse e o interesse do seu país – sejam eles finlandeses, alemães, gregos ou portugueses – são irrefletidos e interesseiros, sem vontade de se sacrificar a favor do bem superior da UE? Será que uma reação nacional populista der-

rubará a Europa sem fronteiras e o mercado único? Ou será antes que a hostilidade à soberania nacional é uma forma de hostilidade à democracia soberana? Será que permitir a concorrência entre alternativas através de eleições significa renunciar às soluções de que todos precisamos? Ainda é possível confiar no vizinho para votar em questões de uma importância tão vital? E se não é possível, quem decide por nós?

(uma versão mais longa deste texto e a sua versão inglesa consta do nosso site www.culturgest.pt)

In 2000, the Institute of Ideas (IOI) created a forum for public debate on complex social themes, one of its initiatives being the Battle of Ideas, a two-day festival held each year in London at the end of October.

The IOI also organises a series of international Satellite Events – in different cities in the United Kingdom and Europe, India and New York, having worked with Culturgest on presenting one of these events in Lisbon since 2010.

The theme for this year will be “Tomorrow’s Europe: technocracy or democracy? Who decides?”, introduced by Maria Lúcia Amaral, José Castro Caldas, Pedro Magalhães and Bruno Waterfield.

The Select (The Sun Also Rises)

O Select (O Sol Nasce Sempre)
de Elevator Repair Service



© Rob Strong

SÁB 6, DOM 7, SEG 8
DE OUTUBRO

Grande Auditório
21h30 (dom às 17h)
Duração: 3h30 com intervalo
15€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Espectáculo em inglês,
legendado em português

Baseado no romance *The Sun Also Rises* (*O Sol Nasce Sempre*) de Ernest Hemingway **Criação e interpretação** Elevator Repair Service **Texto** Ernest Hemingway **Encenação** John Collins **Com** Ben Williams, Frank Boyd, Julian Fleisher, Kaneza Schaal, Kate Scelsa, Lucy Taylor, Matt Tierney, Mike Iveson, Pete Simpson e Susie Sokol **Cenografia e figurinos** David Zinn **Desenho de luz** Mark Barton **Desenho de som** Matt Tierney e Ben Williams **Coprodução** ERS e New York Theatre Workshop **Estreia** 14 de agosto de 2010, Royal Lyceum Theatre, Festival Internacional de Edimburgo

Os nova-iorquinos de Elevator Repair Service completam a encenação de uma trilogia de clássicos americanos com *The Select* (*The Sun Also Rises*), a partir do romance de Hemingway que em Portugal é mais conhecido por *Fiesta*. Um palco repleto de cadeiras e garrafas de bebidas alcoólicas transforma-se sem dificuldade nos cafés de Paris ou nas ruas de Pamplona. Depois das suas elogiadíssimas adaptações do *Grande Gatsby* (*Gatz*) e de *O Som e a Fúria*, que a Culturgest apresentou respetivamente em 2007 e 2009, os ERS voltam-se para os expatriados encharcados em álcool de Hemingway, num espetáculo que faz uso do desenho de som e da coreografia enérgica que caracterizam o trabalho da companhia. “Em *The Select*”, diz o encenador John Collins, “demos por nós a aparar e a editar e a concentrar o trabalho no diálogo retesado e espirituoso de Hemingway. (...) Desvendámos a peça dentro do romance.” O humor seco de Hemingway, uma história de amor condenado e até uma tourada ao vivo (reinventada pelos ERS) fazem desta uma conclusão entusiasmante para o percurso do grupo pela literatura modernista americana da década de 1920.

Um duelo fascinante entre literalismo e abstração. (...) Ao contrário daquela geração perdida vagueando numa borga amarga, vai lembrar-se de todos os prazeres mágicos e sensuais na manhã seguinte.
David Cote, *Time Out* – New York, setembro 2011

É estonteantemente livre e inventivo (...) no uso de música que atravessa todo o século e de repentinas explosões de coreografia tresloucada, criando uma peça de teatro profundamente inteligente que sem esforço faz a ponte entre as décadas desde 1920.
Joyce McMillan, *The Scotsman*, agosto 2010

Elevator Repair Service completes its staging of a trilogy of classic American works with *The Select* (*The Sun Also Rises*), an adaptation of Ernest Hemingway’s novel. A stage littered with liquor bottles and cafe chairs transforms seamlessly from Paris cafes to Pamplona streets. After their highly acclaimed adaptations of *The Great Gatsby* and *The Sound and the Fury*, ERS turns its sights on Hemingway’s alcohol-soaked expatriates in this piece that features the ensemble’s trademark sound design and highly energized choreography. Hemingway’s dry wit, a doomed romance and even live bullfighting (as reimagined by ERS) make this a compelling conclusion to ERS’ exploration of modernist American literature of the 1920’s.

Semana das Ciências de Sempre

Ciclo comissariado por Clara Pinto Correia



DE SEG 8 A SEX 12
DE OUTUBRO

Pequeno Auditório
18h30 · Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Organização Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência e Culturgest
Coordenação científica Clara Pinto Correia e Mariana Valente
Conceito Clara Pinto Correia

No mundo minuciosamente especializado em que vivemos, a unidade das grandes ciências travejadoras do nosso conhecimento aparece-nos quase desaparecida, fragmentada em miríades de subunidades que, frequentemente, já nem nos deixam ver e apreciar o conjunto. O ciclo de comunicações e debates *Semana das Ciências de Sempre* propõe o regresso ao núcleo original das ciências básicas definido desde a Antiguidade Clássica, com a celebração de uma grande vertente por dia: a Física, a Química, a Matemática, a Astronomia, e as Ciências Naturais e da Saúde. Em cada dia, para cada vertente, estarão presentes um especialista da ciência em análise, um historiador e filósofo dessa mesma ciência, e um cientista de outra área que contribua com perguntas e comentários mais inesperados e inovadores.

In our ever more specialised world, the unity of our tradi-

tional sciences has fragmented into myriad subunits that frequently prevent us from seeing the full picture. This cycle of lectures and debates proposes a return to the original core of the basic sciences first established in Classical Antiquity: one of these sciences – Physics, Chemistry, Mathematics, Astronomy, Natural and Health Sciences – will be celebrated each day, in the presence of a specialist, historian and philosopher of that same science, and a scientist from another area, who will ask innovative and unexpected questions.

Seg 8 outubro Ciências Naturais e da Saúde

Eduardo Crespo Ciências Biológicas, Faculdade de Ciências de Lisboa

Luís de Carvalho História das Ciências Naturais, Instituto Politécnico de Beja – Museu Botânico, CEHFC

Jorge Varanda Antropólogo, Universidade de Coimbra e Instituto de Medicina Tropical

Ter 9 outubro Matemática

Jorge Buescu Matemático, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

A.J. Franco de Oliveira Matemático, Professor Emérito da Universidade de Évora, Professor Associado Convidado da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa

Ana Paula Guimarães

Tradição oral portuguesa, Universidade Nova de Lisboa

Qua 10 outubro Astronomia

José Pedro Mimoso Diretor do Departamento de Física e Bioquímica, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

Vítor Bonifácio Historiador, Universidade de Aveiro
Ana Maria Rodrigues Medievalista, Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Qui 11 outubro Química

Carlos Castro Presidente do Departamento de Química e Bioquímica, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

António José Candeias Professor Auxiliar do Departamento de Química da Escola de Ciências e Tecnologia da Universidade de Évora; Diretor do Laboratório José de Figueiredo da Direção-Geral do Património Cultural; Diretor do Laboratório HERCULES da Universidade de Évora

Paulo Mendes Pinto Ciência e Religião, Universidade Lusófona e Cátedra de Estudos Sefarditas, Faculdade de Letras de Lisboa

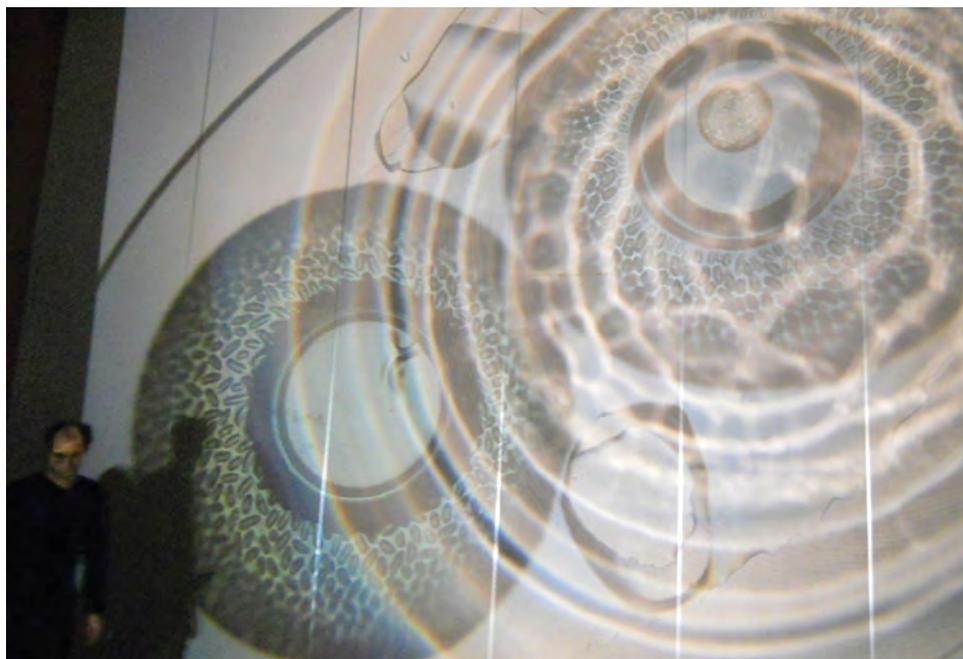
Sex 12 outubro Física

António Vallera Dept.º de Física, Universidade de Lisboa
Augusto Fitas História da Física, Professor (reformado) Universidade de Évora, CEHFCI
Viniane Lobo Hipnose terapêutica, prática privada



dupla cena

Ciclo Vinte e sete sentidos · Organização: Granular



QUI 11 DE OUTUBRO

Sala 2
18h30 · Duração aprox. 1h
3,50€ (preço único)

M12

Sobre o ciclo

“Vinte e sete sentidos”

O século XX começou com o visionarismo de um punhado de artistas que ambicionava ter uma intervenção sinestésica, envolvendo os olhos, os ouvidos, o olfato, o paladar, o tato. No seu poema *An Anna Blume*, Kurt Schwitters referiu-se mesmo em 1919 aos “vinte e sete sentidos da sensorialidade”. Finalmente derrubadas as fronteiras entre as artes, neste início do século XXI vai-se pretendendo lidar com a totalidade da perceção humana. A série “Vinte e sete sentidos” apresenta alguns dos caminhos que estão a ser percorridos rumo a esse velho ideal...

A GRANULAR é uma estrutura financiada pela Direção Geral das Artes/Presidência do Conselho de Ministros – Secretaria de Estado da Cultura

www.granular.pt



Conceção e performance Manuela São Simão e David Maranha
Dois retroprojetores de acetatos, objetos vários, microfones de contacto Manuela São Simão **Violino e shruti box** David Maranha

Manuela São Simão e David Maranha apresentam nesta edição do Ciclo Vinte e sete sentidos a peça intitulada *dupla cena*. Um novo projeto para dois retroprojetores de acetatos, um violino, uma shruti box. Sobreposição de luz e som. Irisação sobre irisação. Dueto de luz projetada sob duas vozes em desenvolvimento contínuo.

Manuela São Simão é formada em artes plásticas pela Faculdade de Belas Artes do Porto. É uma artista multidisciplinar que além das artes plásticas tem vindo a apresentar projetos em áreas como a Ilustração, a *performance*, projetos de arte intermedia, arte pública, *sound art* e curadoria. Desenvolve projetos em colaboração com *performers* e músicos, entre os quais *Gibberish* no Festival Silêncio em Lisboa no Goethe Institut, *Transhulance.Porto* no Future Places Festival, *MajHora FM* no Serralves em Festa no Porto e *Gibberish.Porto* no TRAMA Festival de Artes Performativas. Dedicar-se também à ilustração infantil e tem sido responsável por alguns projetos relacionados com a arte rádio.

<http://manuelasaosimao-projects.blogspot.co.uk>

David Maranha em 1986 começa a desenvolver o seu trabalho como músico, tanto a solo como com várias bandas. Conhecemo-lo como um dos mais importantes músicos nacionais na área da experimentação sonora e musical, sobretudo como um dos mentores dos Osso Exótico. Participou ainda noutros projetos musicais como organ eye, Bowline, Curia, Dru, tendo também vindo a colaborar com músicos como Manuel Mota, Z'EV, Emmanuel Holterbach, Stephan Mathieu, Helena Espvall, Phill Niblock, Chris Corsano, Jochen Arbeit, Minit, David Daniell, Arnold Dreyblatt, Richard Youngs, Jacob Kirkegaard, Carla Bozulich, Chris Cutler, Werner Durand, Robert Rutman, Ben Frost e Helge Sten, entre outros. Em paralelo desenvolve a sua atividade como arquiteto, desde 1993.

<http://davidmaranha.blogspot.co.uk>

The 20th century began with a group of visionary artists who dreamt of making a synaesthetic intervention that would involve the eyes, ears, smell, taste and touch. In 1919, Kurt Schwitters spoke of the “twenty-seven senses”. Now that the borders between the arts have come crashing down at the beginning of the 21st century, the aim is to deal with the whole of human perception. The series *Twenty-seven senses* presents some of the paths that can lead us to this old ideal... Manuela São Simão and David Maranha will present the musical piece entitled *dupla cena*.

Avis Rara

Gaiteiros de Lisboa



© João Nuno Silva

SEG 15 DE OUTUBRO

Grande Auditório

21h30 · Duração: 1h30

18€ · Até aos 30 anos: 5€

M3

Voz, bombos, timbalão, pratos, chamariz, bloco, shlagabell, sanfona, sanfononcello, clarinete Carlos Guerreiro

Voz, trompa, gaita transmontana, gaita galega em dó, small pipe em ré, ponteiro de small pipe em lá, tarota, dulçaina, kissange, xeque-xeque José Manuel David Gaita transmontana, gaita galega em ré, gaita galega em dó, sevina, gaita swayne em sol, ponteiro smallpipe em lá, tarota, kanarion Paulo Marinho Timbalão, caixa, pandeireta, prato, jogo de sinos, tubarões, flautões, túbaros d'Orfeu, guimbarde Pedro Calado Voz, bombos, tambor de cordas, xeque-xeque, chamariz Pedro Casaes Voz, bombos, timbalão, caixa, pandeireta, crócalos, pratos, chamariz, bloco Rui Vaz

Poucos serão os nomes na música portuguesa que reúnam um tão generalizado e sólido consenso como o dos Gaiteiros de Lisboa. Chamar-lhes “instituição” poderia acarretar o perigo de lhes imputar alguma rigidez, mas os Gaiteiros de Lisboa exibem com orgulho o estatuto de Grupo de Manifesto Interesse Cultural atribuído pela Secretaria de Estado da Cultura e têm sido tudo menos rígidos na sua história, feita de abertura, de imaginação e de um sucesso só explicável com a qualidade.

Há agora um novo capítulo nesta história de invenção e aventuras. Tem por título *Avis Rara* e é o novo álbum dos Gaiteiros, que passará do disco para o palco num espetáculo que incluirá convidados especiais. “*Avis Rara* é um título que de certa forma traduz o conteúdo deste trabalho, não só pela estranheza de sons e arranjos que ele contém, como pela originalidade e irreverência na abordagem do já tão explorado filão da Música Tradicional Portuguesa”, explica Carlos Guerreiro.

Os Gaiteiros de Lisboa nasceram em 1993 pela mão de Paulo Marinho, o homem da gaita de foles nos Sétima Legião. Atualmente, integra os Gaiteiros um verdadeiro grupo de luxo feito com gente que ostenta uma experiência rica que participa nas carreiras de nomes grandes da música portuguesa como José Afonso, Sérgio Godinho, Vitorino, Amélia Muge, Rui Veloso, Sétima Legião ou Adufe. Os Gaiteiros de Lisboa, enfim, têm-se afirmado como um tesouro vivo da nossa música. E no palco, *Avis Rara* promete ganhar asas e surpreender.

Formed in 1993, the Gaiteiros de Lisboa are a living treasure of Portuguese music, proudly displaying their official status as a “Group of Manifest Cultural Interest”, but far from implying any rigidity in their performances, their openness and imagination has brought them a success based on music of the highest quality. Their new album *Avis Rara* clearly expresses the contents of their work, not only through the strange sounds and arrangements that it contains, but also through the originality and irreverence of their approach. Played live, this “rare bird” promises to be most surprising.

doclisboa 2012

10.º Festival Internacional de Cinema



© Pedro Nora

DE QUI 18 A DOM 28
DE OUTUBRO

Grande e Pequeno Auditórios
11h00 – 23h00

M12

Preço dos bilhetes

Bilhete normal: 4€

Voucher de 10 bilhetes: 30€

Voucher de 20 bilhetes: 55€

Grupos escolares (mediante
marcação prévia, mínimo de 10
alunos): 1,20€

Descontos (mediante documento comprovativo)

Sócios Apordoc – Associação

pelo Documentário: 2€

Jovens até aos 30 anos,
maiores de 65 anos,

desempregados: 3,50€

Filmes legendados em português

Programa disponível
em www.doclisboa.org
a partir de 4 de outubro

Para conhecer as atividades
do Serviço Educativo consulte
as páginas 99, 101 e 104.

Organização Apordoc – Associação pelo Documentário

De 18 a 28 de outubro o doclisboa – Festival Internacional de Cinema apresentará a sua 10.ª edição, continuando a repensar o Documentário nas suas implicações e potencialidades artísticas, políticas, sociais.

As Competições Internacional, Portuguesa e Investigações acolherão uma seleção dos filmes mais relevantes do último ano; a secção Riscos, comissariada por Augusto M. Seabra, apresentará um olhar singular das passagens entre o documentário e a ficção; o Heartbeat reunirá obras que se assumem na relação com a música, a dança, a *performance*.

Dois novas secções serão inauguradas. A secção Verdes Anos, dedicada a filmes de realizadores em formação, promovendo a reflexão sobre o ensino do cinema documental; a secção Cinema da Urgência, criando um debate a partir de filmes que propõem o cinema como ação direta em contraposição aos *media*.

Chantal Akerman será a realizadora em foco, motivo de uma retrospectiva integral, em parceria com a Cinemateca Portuguesa. *United We Stand, Divided We Fall* é o título da retrospectiva comissariada por Federico Rossin, que faz uma viagem através da história do cinema coletivo dos anos 60, 70 e 80. No marco de um tempo de crise, este programa é considerado como uma forte proposta política.

O doclisboa, sensível ao seu presente, assume-se como um lugar de convívio, debate, pensamento vivo. Um espaço de proximidade e partilha entre o cinema e o público.

The International, Portuguese and Investigative Cinema Competitions present last year's most relevant films; the New Visions brings the passages between documentary and fiction; Heartbeat shows us films related to music, dance, performance arts. Two new sections will be opened. The Green Years, for student's films; Cinema of Urgency, taking films as direct action on the present. Chantal Akerman will be in focus, with an integral retrospective.

United We Stand, Divided We Fall, is a retrospective of the collective cinema of the 60's, 70's and 80's.

O doclisboa é financiado
pela Secretaria de Estado
da Cultura

Organização



Financiamento



Coprodução



CELEBRAÇÃO



DE QUI 1 A DOM 4
DE NOVEMBRO

Vários espaços da Culturgest

M16

Fazem a CELEBRAÇÃO

Andresa Soares, António Júlio, António Pedro Lopes, Cláudio da Silva, Elizabete Francisca, Gui Garrido, Hermann Heisig, João Calixto, Lígia Soares, Márcia Lança, Marianne Baillot, Nuno Lucas, Pieter Ampe, Rita Natálio, Sofia Dias, Teresa Silva, Vânia Rovisco e Vítor Roriz, entre muitos outros.

Produção executiva

Maria João Garcia

Produção

ONE LIFE STAND

Coprodução

Culturgest

Com o apoio

VAGAR, Máquina Agradável e DemiMonde

Com a parceria

Mais Crítica – Seminário de Formação para Críticos de Artes Performativas, desenvolvido por Liliana Coutinho e Rui Pina Coelho, a partir de uma iniciativa conjunta de Alcantara, São Luiz Teatro Municipal, Maria Matos Teatro Municipal e Culturgest

CELEBRAÇÃO é uma festa de dança e *performance*, desenhada por artistas que residem, circulam, se encontram e trabalham em Lisboa.

CELEBRAÇÃO propõe, durante um fim-de-semana, espetáculos, conversas e uma festa que ocupa o teatro e cria uma janela experimental para modos de pensar e agir em conjunto.

CELEBRAÇÃO é um programa produzido por artistas que se interessam em criar espaços de convergência onde o encontro e a ação criem princípios de comunidade e relações artísticas mais próximas e profundas.

CELEBRAÇÃO não é uma cartografia da Dança e *Performance* que se faz em Lisboa, nem um retrato de geração ou de um grupo de artistas enquanto jovens. CELEBRAÇÃO é, antes, um convite a olhar um recorte da diferença e multiplicidade de quem insiste em trabalhar aqui e agora e em tentar junto uma ideia.

CELEBRAÇÃO é aqui este tempo e é agora este espaço que apresenta vários mundos poéticos em diferentes momentos da sua experimentação, consolidação e existência.

CELEBRAÇÃO é um convite a participar num encontro múltiplo de presenças.

Um encontro com o outro, um encontro com o público, um encontro marcado com Lisboa desenhado num movimento onde se cruzam afinidades, se estabelecem princípios de experimentação conjunta e se cria um presente que questiona as condições em que existiremos no futuro próximo.

Os convidados da CELEBRAÇÃO trazem 1800 pregos, 30 tábuas, 38 sarrafos, compressor, a energia inesgotável, porém volátil, de rapazes adolescentes, um corpo poroso a ligações espaciais e físicas internas e externas de potenciais (ir)realidades, um agradecimento que provoca uma chuva de legumes, a aproximação do belo homem à bela mulher ao som da Internacional, relações coreográficas mediadas, uma sensação de falha e problema, um exercício de deslocação ou um teste de sobrevivência a uma ameaça, uma *happy hour* de rituais antropofágicos, um forte encontro entre humor e monstruosidade e um monólogo a três vezes dirigido por uma maestrina.

CELEBRAÇÃO is a festival of dance and performance, designed by artists living and working in Lisbon, and offering spectators a weekend of shows and talks – an opportunity for experiencing new ways of thinking and acting together.

CELEBRAÇÃO will create closer ties between the audience and the artistic community in what promises to be an encounter with the Other, an encounter with Lisbon, in an initiative that creates affinities and explores principles of joint experimentation, questioning the conditions under which we will exist in the future.

Programa (sujeito a alterações)

Qui 1 de novembro

Abertura

Artistas da CELEBRAÇÃO & Convidados

19h30 · Átrio do Pequeno Auditório · Duração: 1h
Entrada livre

Os artistas da CELEBRAÇÃO & Convidados inventarão em colaboração a escrita, a coreografia e a *mise en scène* da abertura coletiva desta grande festa.

© Filipe Palma



Morning Sun *

Criação e interpretação:
Márcia Lança & João Calixto

21h · Pequeno Auditório
Duração: 55 min.
* 5€ · Bilhete único para os dois espetáculos

Morning Sun coloca em cena a construção de espaços em potência, cenários protagonistas onde as ações fazem, quase sempre, o papel secundário. É deixado ao espectador o tempo e o espaço de ler, de criar e completar as histórias que são enunciadas. Neste

trabalho, duas pessoas habitam e constroem espaços, objetos e lugares. Traçam esboços de narrativas delineando histórias sem nunca as contar. *Morning Sun* é um jogo de equilíbrio entre o concreto e o simbólico, um permanente balanço entre a materialidade de uma situação e a sua capacidade evocativa.

© Phile Deprez



Still Standing You *

Coreografia e interpretação:
Pieter Ampe & Guilherme Garrido

22h30 · Pequeno Auditório
Duração: 50 min.

Dois anos após *Still Difficult Duet*, Pieter Ampe e Guilherme Garrido encontraram-se de novo no estúdio de dança para criar *Still Standing You*. Mas por quanto tempo serão capazes de estar juntos e de, sobretudo, suportarem-se um ao outro? Com uma grande intensidade física, analisam os aspetos contraditórios da sua relação: são amigos, rivais, inimigos ou amantes? Sem qualquer tipo de pudor e com uma grande dose de ironia, Ampe e Garrido exploram todas as facetas da sua relação, com uma opulência que faz lembrar a energia inesgotável, porém volátil, de rapazes adolescentes.

Sex 2 de novembro

Looking Out *

Conceito e interpretação:
Vânia Rovisco

21h · Pequeno Auditório
Duração: 30 min.
* 5€ · Bilhete único para os dois espetáculos

A minha meta enquanto artista performativa é cruzar as aptidões adquiridas numa década de experiência na dança contemporânea. Utilizo a composição coreográfica para aliá-la às minhas experiências mais recentes em espaços de galerias de arte enquanto criadora de instalações ao vivo (*live installation*).

© Paulo Brandão de Melo



Looking Out faz parte dum trabalho mais abrangente que parte da ideia da estrutura da trilogia. Lugar onde o corpo, a plasticidade e a imagem se fundirão, realçando ligações espaciais e físicas, tanto internas como externas, de potenciais (ir)realidades.

Measure It In Inches *

Um espetáculo de Marianne Baillot & António Pedro Lopes

22h · Pequeno Auditório
Duração: 50 min.

Um discurso de agradecimento. Uma cerimónia de gratidão

© Susana Paiva



onde a casualidade de agradecer um cigarro a um estranho encontra os Óscares e a euforia dos prémios desportivos. A gratidão é ritualizada e suspenso num recreio de magnificação onde tudo se tenta sempre “mais do que a vida”, ainda que desesperadamente.

Andy Warhol disse: “não prestes atenção ao que escrevem sobre ti, apenas mede-o em polegadas”. Imagine-se agora por momentos inverter a régua e converter a medida da aparência na medida da presença. E concentrarmo-nos num OBRIGADO desmedido, incapaz de sair de si próprio e de se completar.

Cabaret Curto & Grosso

23h · Átrio do Pequeno Auditório · Duração: 90 min.
Entrada livre

Para começar há música e um mestre de cerimónias. Depois, vários artistas são convidados a intervir com números-performativos. São peças curtas que urgem do que cada um importa dizer, cantar, dançar, gritar e demarcar num ambiente informal e convivial. A única limitação é a duração máxima de 5 minutos.

Sáb 3 de novembro

Picnic Conversa Afiada

18h · Átrio do Pequeno Auditório · Duração: 2h
Entrada livre

A ideia para a conversa é criar um momento de reflexão sobre como continuar a ser artista em Portugal e no Mundo. Parece-nos importante que esta reflexão levante propostas reais de como continuar a criar dialogando com a situação presente. Nesse contexto, serão propostos vários jogos e formas de se poder conversar em conjunto.

© Inês Abreu e Silva



Nada do que dissemos até agora teve a ver comigo
Direção artística: Rita Natálio
Performers: António Júlio, Cláudio da Silva e Nuno Lucas

20h30 · Sala 1
Duração: 30 min · 2€

Projeto de improvisação dirigido por Rita Natálio para três performers, estreado no Ciclo DOCUMENTE-SE! na

Fundação de Serralves em 2009. Usando como ponto de partida um conjunto de testemunhos recolhidos através de entrevistas, encontros e apropriações espontâneas, o resultado final será uma improvisação com o tempo real das histórias de vida – monólogo a três vozes, linha de montagem de ideias ou concerto de experiências faladas do mundo.

© Céline Larrère



A Peça Vermelha

Conceção: Lígia Soares
Interpretação: aluna da Escola Superior de Dança (a definir)

21h30 · Sala 2
Duração: 25 min · 2€

Se eu quisesse fazer uma peça começava por enunciar que ia fazer uma peça, depois anunciava-me a mim como autora dessa peça. Não lhe dava logo nome e fazia-a de uma só vez sem pensar. Porque pensar atrasa a compreensão das coisas profundas. A profundidade é silenciosa, ou por vezes há música, mas principalmente silenciosa.

Uma peça até pode ser profunda se for gostosa e logo depois comida. Senão estraga-se.

E o espetáculo? O espetáculo deve ser difícil à partida, mas só como um choque ini-

cial, que acorde os músculos, que acorde a sensibilidade, que desperte a atenção, o olhar, que acorde o pensamento...

E depois? Depois: A aproximação do belo homem à bela mulher ao som da Internacional.

© Joana Patita



Um Espanto não se Espera

Conceção e interpretação:
Elizabeth Francisca
& Teresa Silva

22h30 · Pequeno Auditório
Duração: 45 min · 2€

Duas figuras com vestes longas semelhantes compõem uma lengalenga de delírios e queixumes intermináveis enquanto reduzem o mundo (o interior do seu corpo) a pó. Os “ais” seguem-nas como genes malditos. Resta-lhes a “distração”, a “happy hour” dos seus rituais antropofágicos de diálogo e jogo para fugir ao aborrecimento da sua própria repetição.

Dom 4 de novembro

Jogo das Perguntas

15h30 · Sala 1
Duração: 60 min · Entrada livre

REGRAS: Um grupo de pessoas está em círculo sentados no chão e no meio desse círculo

há um microfone; quem vai ao microfone só pode falar através de perguntas; cada pergunta tem um enunciado relativamente fixo, ou seja, todas as perguntas carregam pelo menos duas informações que se tornam regra; o jogo deverá ter entre 30 a 60 minutos. O *Jogo das Perguntas* cria um tempo partilhado privilegiado de reflexão, imaginação e escuta uns dos outros.

Algumas das perguntas mais relevantes farão parte da Auto Publicação da CELEBRAÇÃO.

© Marta Brito



Uma estadia de 30 min.

Conceção e interpretação:
Andresa Soares

17h · Pequeno Auditório
Duração: 30 min · 2€

Uma estadia em palco com a duração de 30 minutos em que se anulará ao máximo todos os elementos intencionalmente desestabilizadores que servirão à criação da peça *Problema Técnico*. Usa-se a manipulação de elementos constituintes de um espetáculo para criar na percepção do espectador uma sensação de falha ou problemática que faça surgir, de um modo indireto, problemáticas simultaneamente pessoais, generalistas e geracionais que serão expressas como uma espécie de “impressão”. Neste caso a estadia será fluida e

direta, como se só agora se encontrasse o espaço para efetivamente acontecer o solo que, na ficção construída para o *Problema Técnico*, era “suposto” ter acontecido.

© Silvano Magnone



Arremesso IV

Direção e interpretação:
Sofia Dias & Vítor Roriz

18h · Sala 2 · Dur. 30 min · 2€

Desde há algum tempo que temos sentido a necessidade de multiplicar as formas de materialização dos nossos projetos. Uma tentativa de prolongar o período de vida do material para além da sua apresentação na *black box* onde ele encontra uma forma mais ou menos estável. A ideia para esta *performance* é submeter o material de um dos nossos espetáculos ou mesmo de vários a um outro contexto e perceber de que forma é que ele se adapta e sobrevive. Interessa-nos o lado imediato desta experiência e a possibilidade de integrar elementos alheios aos espetáculos e suprimir outros que eram tidos como fundamentais.

Pongo Land

Coreografia e *performance*:
Nuno Lucas & Hermann Heisig

19h · Pequeno Auditório
Duração: 45 min · 2€

© Theo Solnik



Pongo Land é o encontro de dois corpos muito diferentes: os de Nuno Lucas e Hermann Heisig, autores e intérpretes deste trabalho.

Em palco exploram as diferenças, as semelhanças e as possíveis ou impossíveis relações entre os seus corpos, provocando um forte encontro entre o humor e a monstruosidade. Eles comparam-se, competem e copiam-se incessantemente, criando um estado de permanente modulação. *Pongo Land* confronta os limites da normalidade humana e a forma como reagimos ao que nos é estranho e diferente.

Conversa balanço e Auto Publicação

20h · Átrio do Pequeno Auditório · Duração: 1h
Entrada livre

Ao longo dos quatro dias do evento CELEBRAÇÃO, uma Redação em Direto dá corpo à escrita acerca das diversas atividades que estão a acontecer.

É também disponibilizado ao público o “computador da crítica” para fomentar o discurso crítico através da escrita de textos sobre todas as atividades apresentadas. O “computador da crítica” expande a possibilidade de escrita de textos pessoais, que escapa à lógica redutora do comentário e privilegia um discurso sustentado pela experiência da fruição de um objeto artístico. Assim temos um conjunto de material escrito por público, artistas, participantes e críticos que será colecionado e processado para culminar no lançamento de uma Auto Publicação que cria uma “narrativa” da CELEBRAÇÃO na perspetiva de quem fez e de quem assistiu.

O lançamento desta Auto Publicação será simultaneamente a sua impressão, no momento em que for solicitada pelo leitor. Seguindo a lógica da Impressão sob Demanda, o número de exemplares impressos depende diretamente da procura.

Sex 2, sáb 3 e dom 4 de novembro

O Ato da Primavera
Instalação performativa
de Lígia Soares

Sala 3 · Entrada livre

Parte da conceção de uma instalação cénica para levar os espectadores/visitantes a executarem várias peças curtas. A sua concretização (de natureza coreográfica ou teatral) estará dependente de uma espécie de interface cénico, criado a partir de um

conceito de encenação que permite a encenação direta, sem ensaios e sem prévio conhecimento ou contexto por parte do *performer*.

É um projeto consequente da necessidade de deslocar o espectador do seu papel habitual inspirado em formas de vanguarda artística que sobrelevaram a necessidade de levar as pessoas a refletirem sobre o seu posicionamento perante os outros (sociedade, história e cultura) em relação à própria produção de uma obra como mero interveniente num mercado artístico.

O projeto **O Ato da Primavera** é constituído por três peças curtas concebidas para grupos de visitantes/*performers* em número diferente:

Situação embaraçosa, peça de 8 minutos para 8 pessoas;
Não me tirem o sol, peça de 5 minutos para 10 pessoas;
Ótimo, não há mais nada a esconder, peça de 15 minutos para 5 pessoas.

Para assistir/participar em cada peça o público deve fazer a sua marcação individualmente ou organizar (com a antecedência necessária) um grupo de amigos com o número indicado.

Para mais informações sobre os horários das peças e inscrições, contacte a bilheteira da Culturgest ou consulte www.culturgest.pt

Jim Black Trio

SEX 2 DE NOVEMBRO

Grande Auditório

21h30 · Duração: 1h30

18€ · Até aos 30 anos: 5€

M3

Bateria Jim Black **Contrabaixo** Christopher Tordini**Piano** Elias Stemeseder

Jim Black (n. 1967, Seattle, Washington) está na linha da frente da geração de músicos que trouxeram o jazz para o século XXI. É, sem dúvida, um dos mais influentes bateristas do nosso tempo.

O público português aficionado do jazz conhece-o bem pela sua participação, com o guitarrista Frank Mobüs, no trio Azul, liderado por Carlos Bica.

Black lidera os seus próprios grupos, faz parte do coletivo Pachora e colabora como *sideman* com grandes músicos como Tim Berne, Ellery Eskelin, Dave Douglas, Uri Cane, Dave Liebman, entre muitos outros.

Recentemente criou um novo trio com dois jovens músicos, o pianista austríaco Elias Stemeseder e o contrabaixista americano Thomas Morgan. Juntos gravaram o álbum *Somatic* para a reputada editora Winter & Winter.

Com este trio, diz, “tento ir na direção oposta ao AlasNoAxis [banda que lidera há vários anos]. Enquanto que com Alas a música que fazemos é tributária da energia, dos ritmos e das texturas do rock, a música que escrevi para este trio revela diferentes maneiras de abordar os ritmos do *swing* e, obviamente, da improvisação acústica e da estrutura das canções. Mais influenciada pelo jazz e pelos desertos do Mali do que os Sonic Youth...”

O concerto desta noite é baseado nesse álbum, que teve um entusiástico acolhimento por parte da crítica. Merecido: é um magnífico disco, lírico e subversivo, surpreendente para quem conhece a obra anterior de Black.

Seattle-born Jim Black is undoubtedly one of the most influential contemporary jazz drummers and well-known to Portuguese fans for his work with Trio Azul, led by Carlos Bica. His newly-formed trio with pianist Elias Stemeseder and bassist Thomas Morgan recently recorded the album *Somatic*, seeking to go in the opposite direction to his previous band AlasNoAxis, by moving from rock rhythms to swing and acoustic improvisation – “influenced more by jazz and the deserts of Mali than by Sonic Youth”. Tonight’s concert will be based on that highly-acclaimed, lyrical and subversive album.

Um jazz acústico de aparência clássica mas profundamente original e singular (...) Um trio impressionante pela sua força criativa e a sua coesão, capaz de tocar em registos muito variados, misturando peças melodiosas, impressionistas e sonhadoras, com outras com formas mais complexas e uma energia rítmica brutal e desestruturada.

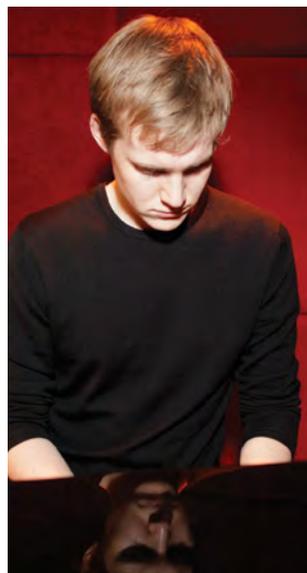
L. Eskenasi in *Jazz Magazine Jazzz*, janeiro 2012

Black juntou um grupo notavelmente intuitivo que produz uma efetiva mistura de acessibilidade fácil e difícil às suas composições, uma combinação que mantém o ouvinte preso, intrigado e surpreendido.

P. Margasak in *Downbeat*, junho 2012



© Paul LaRaia



© Paul LaRaia

História e Teoria da Crítica

por Augusto M. Seabra



Swan Lake, 4 Acts de Raimund Hoghe © Rosa-Frank.com · Espetáculo apresentado na Culturgest em fevereiro de 2008

TERÇAS-FEIRAS
6, 13, 20, 27 DE NOVEMBRO

Sala 2
18h30 · Entrada gratuita
Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

A crítica está em crise? “Crítica” e “crise”, tal como “critério”, têm no entanto uma mesma origem no termo grego “kritês”, isto é, aquele que emite um juízo. Mas fazer um juízo, ou operar a “crítica da faculdade de juízo”, não é apenas emitir uma opinião, mas fundamentá-la na apreciação da arte e das obras, e na sua explanação pública.

A prática crítica foi constitutiva da consolidação do espaço público no século XVIII. A imprensa implantou-se não apenas enquanto veículo noticioso de eventos mas também como modo de dar a conhecer as novidades artísticas e os gostos. O que distingue a crítica não é apenas uma subjetividade de gosto mas sim a explanação de critérios estéticos, tendo em conta a historicidade das obras, os paradigmas interpretativos e as noções de contemporaneidade.

A crítica é um processo de legitimação, tendente também à teorização de obras, autores, tendências e conceitos, que se constitui igualmente num exercício de seleção e poder. E nesse sentido não é menos necessária uma “crítica da crítica”.

A massificação das indústrias culturais e, ainda mais, a expansão de novos suportes, designadamente informáticos, coloca em questão a capacidade de mediação reflexiva, no sentido de uma mera intermediação na lógica e na rapidez dos consumos culturais. Com a permanência de (alguns) críticos como formuladores de cânones, grelhas interpretativas e opções institucionais, ocorre também uma desqualificação do espaço próprio das apreciações críticas, colocando mesmo a interrogação sobre se a crítica ainda existe.

Augusto M. Seabra exerce crítica, nomeadamente de música e cinema, desde 1977, dedicando-se também em particular à sociologia da arte. Foi um dos fundadores do *Público*, jornal em que é colunista. Foi membro de júris nalguns dos mais destacados festivais internacionais de cinema. É também programador. Foi professor convidado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

6 de novembro
Critérios estéticos, subjetividade e juízos de gosto

13 de novembro
A invenção da modernidade e as mutações dos conceitos de arte

20 de novembro
Crítica, arte(s) e artistas

27 de novembro
A crítica ainda existe?

Is criticism in crisis? “Criticism” derives from the Greek word *krites*, meaning to judge. Yet judging isn’t just giving an opinion, but making a public explanation based on the appreciation of art and works. Criticism helped to consolidate the public space in the 18th century, using the press as a vehicle for providing news about art and changing tastes, explaining aesthetic criteria in the light of history and contemporaneity. The massification of culture has since undermined the very space of critical appreciation, questioning whether criticism still exists. Presented by Augusto M. Seabra.

Gabriel Ferrandini, Pedro Sousa, Johan Berthling

Ciclo “Isto é Jazz?” · Comissário: Pedro Costa



© Nuno Martins



© Nuno Martins



QUI 8 DE NOVEMBRO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h
5€ (preço único)

M3

Bateria Gabriel Ferrandini Saxofone Pedro Sousa
Contrabaixo Johan Berthling

Uma característica comum têm os músicos portugueses Gabriel Ferrandini e Pedro Sousa com o sueco Johan Berthling: partilham a sua dedicação ao jazz e à música livremente improvisada com um descomplexado gosto pelo rock *indie* e pelas práticas eletrónicas de dança mais inteligentes. Não estranhará, pois, que esta inédita combinação em trio sob o signo da composição espontânea integre elementos desses outros universos musicais, em manifestações assumidamente trans-idiomáticas, isto é, transversais a vários géneros e estilos de criação sonora.

Nesse âmbito, haverá que contar com outra particularidade: todos os três improvisadores são jovens e o que tocam evidencia a sua idade. Se não é rock (música “adolescente”) o que se propõem fazer em conjunto, a perspetiva que têm das suas próprias práticas é necessariamente jovem. O que daí resultará só poderia ser fresco, rebelde, atrevido e desalinado. Uma oportunidade a não perder por quem está cansado do mesmo, dia após dia...

Gabriel Ferrandini estudou na escola do Hot Clube e na Academia dos Amadores de Música. Com um estilo pessoal, tem os bateristas Elvin Jones, Tony Williams, Billy Higgins, Roy Haynes e Max Roach como os seus heróis. É membro do Red Trio, do Rodrigo Amado Motion Trio e dos Nobuyasu Furuya Trio e Quintet. Tocou com músicos como John Butcher, Nate Wooley, Jason Stein, Alberto Pinton, Rob Mazurek e Carlos “Zíngaro”, entre outros.

Pedro Sousa começou por integrar o grupo de música eletrónica OTO, no qual utilizava *samplers* e guitarra elétrica. Com os saxofones tenor e barítono tem-se multiplicado por uma série de projetos, como Falaise, Pão, Acre, Eitr e duo com Luís Lopes.

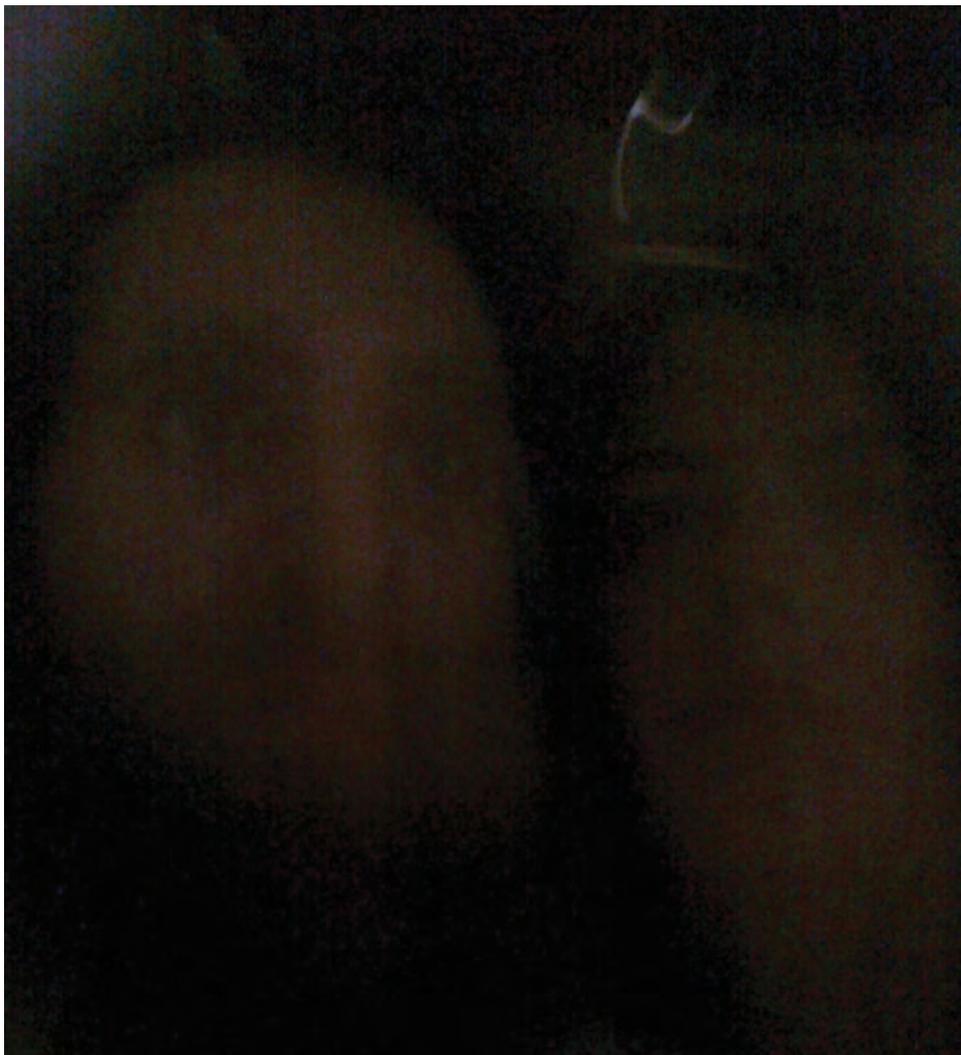
Johan Berthling formou-se no Conservatório Real de Estocolmo. Tem percorrido os caminhos do jazz, da música improvisada e do rock alternativo. É um dos mais requisitados contrabaixistas da cena escandinava.

The Portuguese musicians Gabriel Ferrandini and Pedro Sousa share with the Swede Johan Berthling their dedication to jazz and freely improvised music with a hint of “indie” rock and the more intelligent forms of electronic dance music. This trio will therefore be playing spontaneous combinations of these various genres in a crossover of different styles and sounds. But there is yet another particularity: all three musicians are young and they show their age by producing fresh, rebellious and daring music. An opportunity not to be missed by those who are tired of their day-to-day life.

Consulte uma versão mais completa das biografias dos músicos em www.culturgest.pt

Calhau!

Ciclo de concertos comissariado por Filho Único



SEX 9 DE NOVEMBRO

CULTURGEST PORTO
22h · Duração aproximada: 1h
5€ (preço único)

M3

Bilhetes à venda nos locais habituais (ver Informações e Reservas no final deste programa) e na Culturgest Porto, Av. dos Aliados 104, no horário de funcionamento da galeria e no dia do espetáculo (a partir das 19h), até à hora de início do mesmo.

Objetos Alves Von Calhau e Marta Von Calhau

Em atividade e operando sob o nome Calhau! e capciosas derivações desde 2006, o casal sediado no Porto, Marta Ângelo e João Alves, tem vindo a desenvolver um admirável corpo de trabalho transdisciplinar em artes visuais, filme e música. A sua produção de serigrafias, instrumentos musicais, textos, guarda-roupa & caracterização, e apresentação pública de projeções de filmes, concertos, *performances* e *lectures*, evocando referências que vão desde Lygia Clark a Raymond Roussel bem como evidenciando um fascínio pelo “elitismo, às vezes esotérico, de certas manifestações da cultura popular (rural)” como qualificava João César Monteiro, em entrevista por alturas de *Vereda*, interpelam-nos a considerar as fabulosas dimensões fasciculadas que compõem a sua cosmologia *calhauística*. Aceites como sedutoramente bizarros no seio da música independente, e eticamente comprometidos com o humor e o ‘saber fazer em contingência’ no tecido das artes visuais, o par prossegue o seu percurso perpassado por constante arrojo e pertinência. Cofundadores do estúdio de artes gráficas Oficina Arara na Invicta, apresentaram-se ao longo dos últimos anos em reputados festivais de síntese performática medial, como o portuense Trama ou o italiano NETMAGE. Em complemento destacam-se a sua participação criteriosa nas Residências ZDB de 2009 ou na 10ª edição do Prémio União Latina – no mínimo, memorável, com a sua peça musical com recurso a um coro levada à cena no Centro Cultural de Cascais – assim como a residência artística no Atelier MTK em Grenoble, onde adquiriram vasto conhecimento de trabalho em película para proveito da sua produção fílmica. No ano passado lançaram o seu primeiro LP, *Quadrologia Pentacónica*, na editora nacional Rafflesia.

Filho Único

Under the name of Calhau! and other capricious derivations, the Porto-based couple, Marta Ângelo and João Alves, have produced a remarkable body of cross-disciplinary work since 2006 in visual arts, film and music – silkscreens, musical instruments, texts, wardrobes and characterisation, public presentation of films, concerts, performances and lectures – highlighting a fascination for the “sometimes esoteric elitism of certain manifestations of (rural) popular culture”. Accepted as seductively bizarre in the world of independent music and considered as ethically compromised with humor and ‘craft experts in contingency’ in the field of visual arts, their work is always bold and pertinent.

www.einsteinvoncalhau.com

Labofilm & 1: O Lamento da Branca de Neve

de Olga Mesa

Espectáculo integrado no Festival Temps d'Images



© Susana Paiva

SEX 9, SÁB 10
DE NOVEMBRO

Palco do Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h15
18€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Na sexta-feira 9 de novembro,
a seguir ao espetáculo, haverá
uma conversa com os artistas
na Sala 1.

Conceção, direção e coreografia Olga Mesa
Assistente de direção, vídeo e documentação Marta Rodriguez
Corpos operadores Sara Vaz e Olga Mesa **Criação sonora**
Jonathan Merlin **Dramaturgia e espacialização de textos**
Francisco Ruiz de Infante **Textos** Robert Walser e Olga Mesa
Criação de luz Christophe Renaud **Direção técnica** Ludovic
Rivière **Colaboração vestuário** Pierre Boileau **Fotografia** Susana
Paiva / Pierre Mercier **Administração (Fr)** Natalie Ehsan-Ziah
Produção Cie. Olga Mesa / Hors Champ – Fuera de Campo
(Fr-Es), Off Limits, Madrid (Es) **Coprodução** FRAC Alsace,
Sélestat (Fr), Festival Citeumor, Montemor-O-Velho (Pt), Pôle Sud
– Scène Conventionnée pour la danse et la musique, Estrasburgo
(Fr), Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura (Pt),
MNCARS – Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Madrid
(Es) **Apoios** Ayudas a la Creación Contemporánea Matadero,
Madrid 2009 (Es), AECID – Agencia Española de Cooperación
Internacional para el Desarrollo (Es), INAEM – Instituto
Nacional de las Artes Escénicas y de la Música (Es), ACA –
Agence Culturelle d'Alsace (Fr)

Labofilm & 1: O Lamento da Branca de Neve é um projeto que
questiona, aprofunda e estabelece vínculos entre a poética
da linguagem cinematográfica e o ato coreográfico. Olga
Mesa parte desta relação para depurar a sua escrita artística:
a coreografia e a mecânica da sensação, o fora de campo, a
dupla/visão, a câmara cega, o corpo abandonado, os textos para
(não) serem escutados.

Com *O Lamento da Branca de Neve* quero conhecer a matéria
real dos sonhos; quero construir um sonho. Quero perder-me
através de um espelho (não) visível onde o espectador se possa
ver refletido; que possa sentir o seu próprio tempo e ter a sua
visão. Quero que possa recordar que todos somos vítimas e
carrascos, seres humanos perdidos, frágeis, abandonados, mas
também capazes de matar. Porque a qualquer um de nós, como
à Branca de Neve de Walser, podem perguntar-nos: “Pensas que
te queria matar?”. Com este lamento quero que sejam visíveis,
desde longe, os diferentes planos narrativos da Branca de
Neve; a que se desperta com a memória da guerra e da infância
dizendo: “mais do que ver, prefiro escutar”.

Olga Mesa

A Cie. Olga Mesa / Association
Hors Champ – Fuera de
Campo é subsidiada por
Ministère da la Culture et de
la Communication / DRAC
Alsace (Fr), Conseil Régional
d'Alsace (Fr) / La Ville
de Strasbourg (Fr).

Labofilm & 1: Snow White's Lament questions and establishes
links between the poetics of film language and choreography.
Olga Mesa uses this relationship to create a most original
language that constructs fragments of highly destabilised
fiction. She will use *Snow White's Lament* to discover the real
substance of dreams, to lose herself in an (in)visible mirror in
which spectators see themselves reflected, able to feel their
own time and have their own vision.

Em nome das artes ou em nome dos públicos?

Pensando os conceitos de mediação, emancipação e participação dos públicos



SEG 12, TER 13, QUA 14
DE NOVEMBRO

Auditórios 2 e 3 da Fundação
Calouste Gulbenkian

Das 10h às 18h · Inscrição
prévia obrigatória, sujeita
à lotação e a confirmação
Dia 12: 30€ · 3 dias: 45€

A partir de 3 de setembro
consulte o programa
detalhado e inscreva-se
em www.culturgest.pt/se

Um pouco por todo o mundo, na esfera da arte contemporânea e da museologia, a mediação cultural é discutida como uma proposta autónoma, crítica ou coadjuvante das práticas promovidas por serviços educativos e educadores de museus e espaços culturais.

No auge da discussão sobre o termo a utilizar para definir os profissionais que promovem a participação e a inclusão dos públicos nos museus e centros de arte, a mediação cultural faz-se anunciar como conceito autónomo e metodologia distinta.

Longe de querer apresentar soluções e interessada na promoção de diálogos e na construção de saberes a nível internacional, a terceira edição da conferência *Em nome das artes ou em nome dos públicos?* lança os conceitos de mediação, emancipação e participação como desafios à reflexão crítica.

Ao abrigo de uma parceria entre o Serviço Educativo da Culturgest e o Programa Gulbenkian Educação para a Cultura, esta edição da conferência realizar-se-à em vários espaços da Fundação Gulbenkian.

A reflexão e o debate contam, uma vez mais, com oradores de renome internacional e com a participação de comentadores, *coaches*, relatores e participantes ativos e motivados para cooperar na construção de novos saberes.

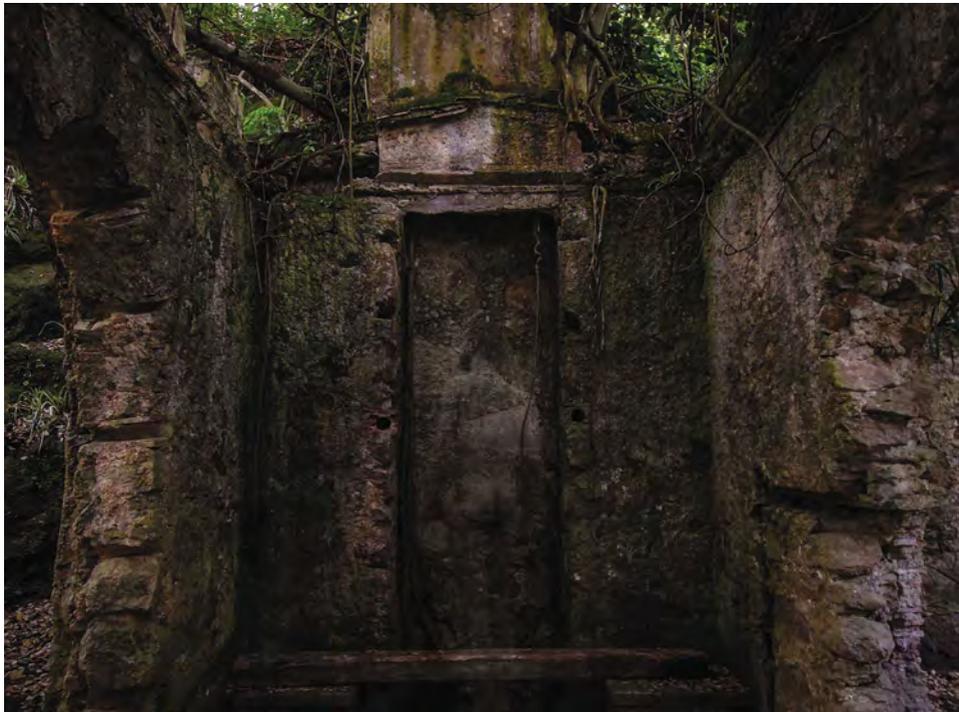
In the world of contemporary art and museum studies, cultural mediation is treated as an independent topic whether supportive, or critical, of educational practices carried out by specialized teams in museums or cultural institutions.

Cultural mediation promotes itself as a concept and as a methodology precisely at the moment when discussion about the title to be given to professionals working in audience participation is at its highest point.

In the 3rd edition of the conference, *In name of the arts or in name of the audience*, far from wanting to provide solutions for this ongoing question, we aim to encourage dialogue, critical analysis and shared knowledge about mediation concepts, audience emancipation and participation in an international context.

The Secret Apprentice

Ciclo Vinte e sete sentidos · Organização: Granular



QUI 15 DE NOVEMBRO

Sala 2

18h30 · Duração aprox. 1h
3,50€ (preço único)

M16

Sobre o ciclo

“Vinte e sete sentidos”

O século XX começou com o visionarismo de um punhado de artistas que ambicionava ter uma intervenção sinestésica, envolvendo os olhos, os ouvidos, o olfato, o paladar, o tato. No seu poema *An Anna Blume*, Kurt Schwitters referiu-se mesmo em 1919 aos “vinte e sete sentidos da sensorialidade”. Finalmente derrubadas as fronteiras entre as artes, neste início do século XXI vai-se pretendendo lidar com a totalidade da percepção humana. A série “Vinte e sete sentidos” apresenta alguns dos caminhos que estão a ser percorridos rumo a esse velho ideal...

A GRANULAR é uma estrutura financiada pela Direção Geral das Artes/Presidência do Conselho de Ministros – Secretaria de Estado da Cultura

www.granular.pt



Conceção e performance João Silva **Texto** António Ramos Rosa
Tradução Olga Morais **Som** Carlos Santos, João Silva
Gravações de Campo Carlos Santos, Francisco Janes, João Castro Pinto, João Silva, Nuno Morão, Paulo Raposo **Vídeo** Carlos Santos, Filipe Correia, João Silva **Fotografia** Francisco Janes, Diogo Barreiras, João Silva **Cenografia** João Silva, Manuela Pacheco **Figurino** Ângela Orbay

“Não é a altura de afirmar nada. Tudo deve permanecer oculto na sua pura inanidade (e unanimidade) inabordável. Este respeito absoluto é a condição de uma possível germinação futura e a única mediação de um enigma que se confunde com a própria respiração do construtor. O construtor está dentro de uma parede diáfana entre dois vazios. O que poderá levá-lo a romper esse muro de vidro é a sua concentração num ponto em que a negação do exterior se pode converter na comunicação com o mundo. É neste convívio com a sua própria criação que o construtor encontra a palpitação primeira dos corpos e do seu próprio corpo. A textura mais secreta é o silêncio e é ele o principal fundamento da construção invisível. Tudo será construído no silêncio, pela força do silêncio, mas o pilar mais forte da construção será uma palavra. Tão viva e densa como o silêncio e que, nascida do silêncio, ao silêncio conduzirá.”

João Silva (Lisboa, 1973) artista multidisciplinar, tem desenvolvido variadas colaborações em projetos de música experimental, improvisada e *performance* desde 1988. Explora fotografia e vídeo em contextos de *performance*, instalação e vídeo arte, nomeadamente com Carlos Santos, com quem tem a mais prolífera e cúmplice parceria.

<http://joaomsilva.tumblr.com>

<http://antonioramosrosa.blogspot.com>

“This is not the time to say anything. Everything must remain hidden in its bare, unapproachable potentiality (and unanimity). This absolute respect is the condition for a possible future germination, and the sole mediation for an enigma that is entwined with the constructor’s own breathing. The constructor is inside a diaphanous wall between two voids. What may lead him to break that glass wall is his concentration at a point where denial of the exterior may turn into communication with the world. It is in this interaction with his own creation that the constructor finds the primal palpitation of the bodies and of his own body. The most secret texture is silence, which is the main foundation for the invisible construction. Everything will be constructed in silence, by the force of silence; but the strongest pillar in the construction will be a word. A word as alive and dense as silence that, born out of silence, to silence will lead.”

Trio Reijseger, Fraanje, Sylla



© Alessandra Freguja

QUI 15 DE NOVEMBRO

Grande Auditório
21h30 · Duração aprox. 1h20
18€ · Até aos 30 anos: 5€

M3

Violoncelo Ernst Reijseger **Piano** Harmen Fraanje
Voz, M'bira, Xalam, Kongoma Mola Sylla

Foi em 2008, em Triburg, na Holanda, que este trio se apresentou pela primeira vez ao público. Apesar do concerto estar combinado com um ano de antecedência, por uma série de circunstâncias aziagas os músicos subiram ao palco sem terem feito um único ensaio prévio. Improvisaram de acordo com um programa pré-determinado. E deu-se o milagre!

Ernst, Harmen e Mola tocaram juntos como se já partilhassem uma vida inteira de amizade musical. Reijseger e Mola Sylla vinham a colaborar há anos, mas aquele trio era para todos uma verdadeira surpresa. Os músicos e o público tiveram a experiência de um concerto esmagador, cheio de alegria, de ritmo. A música era de tal modo brilhante, emotiva, exultante, que o trio entrou em digressão internacional desde então, tocando por todo o lado.

Reijseger é um dos maiores violoncelistas da atualidade, um mestre na improvisação. Participa e dirige vários projetos, no jazz, na música improvisada e na música do mundo. Impressionante é vê-lo e ouvi-lo tocar o violoncelo, deitado no seu colo, como se fosse uma guitarra.

Mola Sylla é um músico e cantor senegalês que utiliza a sua língua materna, o wolof, exímio no domínio dos instrumentos tradicionais do seu país, com uma larga carreira internacional. Harmen Fraanje, apesar de jovem, é um pianista de jazz com grande currículo e requintada sensibilidade.

A música que estes criadores de exceção produzem, utilizando uma combinação de instrumentos única, vai buscar a sua força às canções tradicionais africanas, mas também a temas compostos por Ernst e Harmen. Um concerto entusiasmante, cheio de ritmo, de melodia, de beleza e de humor, a não perder absolutamente.

This trio played together for the first time to a live audience in Triburg, Holland, in 2008. Although the concert had been arranged a year before, circumstances conspired to send them onto the stage without any rehearsal, leaving them to improvise. Their resulting music was brilliant, exciting, and full of joy and rhythm! Ernst Reijseger is one of the world's great cellists, a master of improvisation; Mola Sylla sings in her native language, Wolof, and masters all the instruments of her native Senegal; Harmen Fraanje is a young, but experienced and highly sensitive pianist. Not to be missed.

Oren Ambarchi

Ciclo de concertos comissariado por Filho Único



QUI 29 DE NOVEMBRO

CULTURGEST PORTO
22h · Duração aproximada: 1h
5€ (preço único)

M3

Bilhetes à venda nos locais habituais (ver Informações e Reservas no final deste programa) e na Culturgest Porto, Av. dos Aliados 104, no horário de funcionamento da galeria e no dia do espetáculo (a partir das 19h), até à hora de início do mesmo.

Guitarra e eletrónica Oren Ambarchi

Oren Ambarchi é um compositor e multi-instrumentista australiano, vocacionado a novas estratégias para transcender abordagens convencionais à instrumentação e às estruturas musicais. Foi pelo seu trabalho em guitarra elétrica que se notabilizou, desenvolvendo nesse âmbito uma pesquisa em configuração harmónica e reverberação, recorrendo a pedais de efeitos, *loops* e tecnologia de estúdio para produzir, com assinatura tonal grave e alienígena, desenhos de som fluidos, exponenciados por uma fisicalidade bem vívida. Esta demanda proporcionou-lhe um novo campo abstrato pleno de potencialidades, que tem vindo a concretizar na sua discografia a solo para selos como a Southern Lord, Table Of The Elements ou Tzadik, sendo que preserva com a editora britânica Touch uma relação iniciada com *Insulation* em 1999, até ao *Audience of One* do início deste ano, disco em que parece sincretizar de forma cabal as várias escolas e caminhos de música e som que o informaram. Nele encontramos ecos do minimalismo pulsante de Steve Reich em diálogo com o seu inveterado amor pelo rock, do clássico ao marginal, e a precisão psicoacústica em conjuração de frequências dignas do vocabulário *doom metal*, numa narrativa sensível em que sobressai o equilíbrio singular entre o trabalho de guitarra e a instrumentação acústica gentil que tem vindo a integrar. Para esta depuração estilística e técnica contribuíram decisivamente as suas colaborações com ilustres progressistas do instrumento, como Keiji Haino ou Keith Rowe, bem como com músicos de áreas concêntricas aos seus interesses como Merzbow, Fennesz, Evan Parker ou Dave Grohl. Além disso mantém uma frutuosa colaboração com os Sunn O))), tendo participado em digressões e vários registos da banda incluindo o último *Monoliths & Dimensions*.
Filho Único

Australian composer and multi-instrumentalist Oren Ambarchi looks for new ways of transcending conventional approaches to instrumentation and musical structures. Noted for his electric guitar work, he uses pedal effects, loops and studio technology to produce fluid sound designs enhanced by a vivid physicality. His quest has led him into a new abstract field, displaying a psycho-acoustic precision with echoes of a pulsating minimalism in dialogue with his undying love for rock, the classic and marginal strains of it, achieving on his latest records a sensitive balance between his guitar work and gentler acoustic instrumentation.

Nação Valente!

uma criação de Gonçalo Waddington, Carla Maciel,
Sofia Dias & Vítor Roriz



DE QUI 29 DE NOVEMBRO
A DOM 2 DE DEZEMBRO

Palco do Grande Auditório
21h30 (dom às 17h)

Duração aproximada: 1h
12€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Coprodução Culturgest, Teatro Nacional São João
e Guimarães – Capital Europeia de Cultura

Nação Valente! é uma criação dos atores Gonçalo Waddington e Carla Maciel e da dupla de bailarinos e coreógrafos Sofia Dias & Vítor Roriz. A interrogação “O que é ser português hoje em dia?” é o ponto de partida para um processo criativo com um par que vem do teatro e outro da dança.

Os atores Carla Maciel e Gonçalo Waddington têm uma extensa carreira de atores no teatro, cinema e televisão. Em 2011, interpretaram o par central de *Rosmersholm* de Ibsen, estreia de Waddington na encenação; em 2010 tinha-se iniciado na realização com a curta-metragem *Nenhum Nome*, que Carla protagonizou.

A última (e nona) peça da dupla Sofia Dias & Vítor Roriz, *Fora de qualquer presente*, estreou no Alcantara festival deste ano. A anterior, *Um gesto que não passa de uma ameaça*, recebeu o prémio Jardín d’Europe em 2011. Nomes centrais de uma nova geração da dança portuguesa, trabalham juntos desde 2006.

Nação Valente! (Brave Nation!) is a creation of the actors Gonçalo Waddington and Carla Maciel, together with the duo composed of the dancers and choreographers Sofia Dias and Vítor Roriz, based on the question “What does it mean to be Portuguese today?” Carla Maciel and Gonçalo Waddington have already enjoyed an extensive career as actors in theatre, film and television. Sofia Dias and Vítor Roriz (winners of the Jardín d’Europe Prize in 2011) are pivotal names in a new generation of Portuguese dance.

De Flamencas



© JC Nievas

QUI 6, SEX 7 DE DEZEMBRO

Grande Auditório

21h30 · Duração: 1h15

20€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Produção, direção, coreografia Marco Flores
Colaboração especial Olga Pericet na coreografia de *Fandangos* e *Nana Baile* Marco Flores **Cante** Mercedes Cortés, Inma Rivero
Guitarra Antonia Jiménez, Bettina Flater **Baile** Guadalupe Torres, Vanesa Vento, Lidón Patiño **Palmas** Ana Romero
Direção musical Marco Flores, Antonia Jiménez **Música original** Antonia Jiménez **Luzes** David Pérez **Figurinos** Olga Pericet
Som Kike Cabañas **Direção de cena e maquinista** Kike Rodriguez
Sapatos Gallardo **Joias em prata** Tuca Román **Digressão** Arte y Movimiento Producciones, Daniela Lazary

O percurso de Marco Flores é semelhante ao de outros grandes nomes do flamenco atual. Nascido na Andaluzia (em Arcos de La Frontera, Cádiz, em 1981), autodidata de formação, integrou companhias famosas até liderar o seu grupo e assinar os seus espetáculos. Múltiplas vezes premiado, presença frequente nos mais importantes festivais de flamenco no seu país e fora dele, tem-se apresentado em numerosos palcos espanhóis e pelo mundo, construindo uma sólida carreira louvada pela crítica e recebida com entusiasmo pelo público.

De Flamencas é um espetáculo que se declina no feminino. Único homem rodeado por oito mulheres – duas no *cante*, duas na guitarra, três no baile, uma nas palmas –, todas grandes artistas, Marco Flores propõe-nos um percurso através de vários *palos* (ritmos do flamenco), muitos deles também com nomes femininos (Mariana, Liviana, Serrana, Malagueña, etc.). Num palco despido, em que predomina o negro, a nossa atenção concentra-se nas estupendas coreografias, *cantes* e guitarradas que se sucedem sem quebras e culminam em entusiasmantes números coletivos, como é tradicional.

De Flamencas estreou em 2010 no Concurso de Córdoba, onde em 2007 Marco arrebatara quatro prémios.

Born in Andalusia in 1981, Marco Flores has had a similar career to the other great names of modern-day Flamenco. Entirely self-taught, he belonged to a number of famous companies, until finally leading his own group. A popular winner of many awards, he is highly praised by the critics and is frequently to be found at the most important Flamenco festivals. *De Flamencas* is largely a female show: the only man surrounded by eight women, Marco Flores helps to draw our attention to the stupendous choreography, *cantes* and guitar-playing of this exciting and award-winning show.

A dimensão do talento de Flores, os seus conhecimentos e o seu bom gosto, fizeram com que a estreia absoluta de De Flamencas fosse o êxito retumbante que todos esperávamos (...) Flores tem a sabedoria suficiente para encontrar o difícil equilíbrio entre o flamenco tradicional ou clássico e um ponto de vista contemporâneo.

Estela Zatanía, *deflamenco.com*

Nas suas intervenções a solo o baile de Marco Flores rege-se pelos parâmetros da elegância e do fundo conteúdo flamenco, sustentados por recursos técnicos assombrosos.
 Francisco Del Cid, *Diário de Córdoba*

William Parker

Ciclo “Isto é Jazz?” · Comissário: Pedro Costa



© Paolo Scali

SEX 7 DE DEZEMBRO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h
5€ (preço único)

M3

Contrabaixo William Parker

Nascido a 10 de janeiro de 1952 no Bronx, William Parker é bem capaz de ser um dos mais importantes músicos de jazz dos últimos 30 anos, se bem que essa posição esteja longe de ser unanimemente reconhecida. Na altura em que o jazz estava associado à luta pelos direitos civis dos afro-americanos, muito jovem ainda, já ele conquistara uma posição de relevo na cena de Nova Iorque, dirigindo a sua própria orquestra. Na década de 1980, quando se vivia o revivalismo *bop* e a crítica ignorava ostensivamente a atividade da vanguarda jazzística, o que acontecia no rescaldo do free gravitava em seu torno. Parker era o símbolo de uma resistência.

Nunca, porém, a história e a tradição foram ignoradas por este contrabaixista e compositor que também toca instrumentos étnicos de cordas, sopro e percussão – como ele próprio já disse, o seu interesse pelo pan-africanismo cósmico de um Sun Ra nunca o impediu de dar atenção a, por exemplo, Lee Morgan. Além da Little Huey Creative Music Orchestra e dos grupos In Order to Survive e Other Dimensions in Music, dedicados a continuar os princípios libertadores da *new thing*, deu início a projetos em que os seus postulados experimentais de sempre se cruzam com os formatos populares da música negra. Com o Raining on the Moon Sextet e a trupe The Inside Songs of Curtis Mayfield vem redescobrimo o molde da canção e as virtudes do *swing*, ao mesmo tempo que volta a dar mensagem política a uma prática musical que a perdera.

A solo, perceberemos todos os motivos porque tem sido indicado como o mais insigne contrabaixista da atualidade, da revista *Downbeat* à Jazz Journalists Association. Foi este mesmo homem que confortou Peter Kowald nos últimos segundos de vida deste e que ofertou um contrabaixo a Henry Grimes quando o antigo companheiro de Albert Ayler regressou às lides musicais. Ativista consequente, é ele igualmente que tem estado por detrás de tantas iniciativas de apoio à comunidade musical nova-iorquina e à população do bairro onde centra a sua atividade, traços de uma nobre personalidade que não deixará de estar evidenciada na música que nos oferecer.

Born in 1952 in the Bronx, William Parker is possibly one of the most important jazz musicians of the last 30 years. When jazz was still linked to the civil rights movement, he was already a major figure on the New York scene, leading his own orchestra. During the bop revival of the 1980s, his avant-garde free jazz was largely ignored by the critics, making Parker the symbol of a resistance movement. Yet this bass-player and composer never forgot the history and tradition of jazz, creating many projects in which his experimental stance has intersected with the popular formats of black music.

Cinanima



Cartaz do festival © João Machado

SÁB 8 DE DEZEMBRO

Grande Auditório

17h · Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

M12

O Cinanima – Festival Internacional de Cinema de Animação é o mais importante festival de cinema de animação português. Realiza-se em Espinho desde 1976, tendo este ano a sua 36.ª edição, o que o torna um dos mais antigos festivais deste tipo de cinema em todo o mundo. É organizado pela Cooperativa NASCENTE e pela Câmara de Espinho. Para além das secções não competitivas, tem duas secções competitivas principais. A Secção Internacional abrange as categorias de Curtas-metragens, Longas-metragens, Primeiro Filme ou Filme de Estudos, Publicidade e Informação.

Na Competição Nacional há dois concursos: Prémio António Gaio, para o melhor filme português em competição e Prémio Jovem Cineasta Português. O Cinanima atribui prémios relativos a cada categoria, e vários outros como, por exemplo, o Grande Prémio Cinanima 2012 para o melhor filme do Festival, o Prémio Especial do Júri ou o Prémio José Abel.

À semelhança do que vem acontecendo desde há anos, a Culturgest tem o prazer de se associar ao Cinanima projetando uma seleção de filmes premiados feita pela organização do Festival.

Cinanima – the International Animation Film Festival – is Portugal's leading festival in this field. It has been held in Espinho since 1976, making it one of the world's longest-running animation festivals. There are non-competitive sections, plus two main competition sections. The international section covers short and feature-length films, first film or student films, advertising and information. The Portuguese competition is for best Portuguese film in competition and the Young Portuguese Film-maker Award. There are also several other competition sections. Culturgest will also be showing a selection of award winning films chosen by the organizers.

Edward Yang - Histórias de Taipei

Ciclo comissariado por Augusto M. Seabra



Edward Yang

DE QUI 13 A DOM 16
DE DEZEMBRO

Pequeno Auditório
3,50€ (preço único)

Filmes legendados
em inglês

M12

Quando em maio de 2007 a Culturgest apresentou o ciclo Hou Hsiao-Hsien a ideia original era de reunir os dois mais proeminentes autores do novo cinema de Taiwan, incluindo também Edward Yang. A associação era aliás tanto mais justificada pelos laços entre ambos: Hou Hsiao-Hsien participou na produção e na escrita do filme que revelou internacionalmente Yang, *Taipei Story*, no qual é protagonista, e Yang faz uma breve aparição em *Um Verão com o Avô* do outro, para o qual também compôs a música. Contudo não tiveram então resposta as tentativas de contacto com Yang. As razões soubemo-las infelizmente um mês depois: Edward Yang morreu a 29 de junho de 2007.

No ano passado foi pela primeira vez apresentada a versão restaurada pela World Cinema Foundation do monumental *A Brighter Summer Day*. Graças à colaboração da Cinemateca Francesa, que logo depois organizou uma retrospectiva, e nos facultou os contactos, bem como à autorização de Kaili Peng, viúva de Yang, é enfim possível à Culturgest realizar este tão desejado ciclo, que apenas não inclui a primeira longa-metragem, *That Day, on the Beach*, e a derradeira, *Yi Yi*, esta a única estreada em Portugal.

Edward Yang (Yang Dechang), nasceu em Xangai em 1947, e a sua família foi uma das muitas que rumaram a Taiwan quando da vitória comunista em 1949. Estudou nos Estados Unidos e foi certamente o mais “ocidentalizado” dos realizadores de Taiwan, mas foi também, como poucos outros, o cineasta de uma cidade, Taipei. E foi um dos grandes cineastas das últimas duas décadas do século XX.

Augusto M. Seabra

In May 2007, Culturgest presented the Hou Hsiao-Hsien cycle, the original idea being to include Edward Yang and bring together the two most prominent Taiwanese filmmakers. Yet our attempts to contact Yang met with no reply. A month later we understood why: Edward Yang died on 29 June 2007. With the support of the *Cinemathèque Française* and the permission of Kaili Peng, Yang's widow, we can finally present this long-awaited cycle, including his first and last feature films. Born in Shanghai in 1947, Edward Yang fled to Taiwan in 1949, becoming one of the great directors of the late 20th century.

Apoio: Centro Económico
e Cultural de Taipei
(Representação de Taiwan)

Qui 13 de Dezembro 21h30

In our time/Expectation

Argumento e realização

Edward Yang **Fotografia** Chen Jia-Mou **Som** Du Du-Chi **Montagem** Liao Ching-song **Cenografia** Zen Ping **Música** Lo Ta-Yu **Produção** Ming Chi, Hsu Kuo-Liang, Neich Yeang-Shyan, Wu Chung-Ling **Com** Shih An-Ni, Zhang Ying-Zhen, Wang Chi-Guang, Sun Ya-Dong, Liu Ming · 30', 1982

Zhiwang ou *Expectation* (embora a tradução literal seja “Desejos”) é parte do filme coletivo *Guang yin de gu shi* (“Histórias ao longo do tempo que passa”) ou *In Our Time*, os outros segmentos tendo sido realizados por Tao Te-chen, Ko I-Chen e Chang Yi. No momento em que se começava a destacar a nova geração de realizadores de Taiwan, surgiu no seio da muito oficial Central Motion Pictures Corporation, CMPC, a ideia de agrupar alguns deles numa espécie de filme-manifesto. Embora condicionado pelas características da produção, *Expectation* não deixa de anunciar características do cinema de Edward Yang: o despertar do desejo de uma adolescente, as memórias da família, uma das muitas vindas para Taiwan da “mainland” (o continente) em 1949 quando da vitória dos comunistas, a ocidentalização cultural dos jovens. Nesse sentido este segmento é quase uma premonição de *A Brighter Summer Day*.

Taipei Story

Realização Edward Yang

Argumento Edward Yang, Hou Hsiao-Hsien, Chu Tien-Wen **Fotografia** Yang Wei-Han **Som** Du Du-Chi **Montagem** Wang Chi-Yang, Song Fen-Zen **Cenografia** Tsai Cheng-Bin **Música** Edward Yang **Produção** Hou Hsiao-Hsien, Lin Rong-Feng **Com** Hou Hsiao-Hsien, Tsai Chin, Lai Teh-Nan, Cheng Su-Fang, Wu Nien-Jen, Ko I-Chen, Wu Bing-Nan, Ko Su-Wun, Lin Shiao-Lin 1h55, 1985

Este sim pode ser considerado o filme-manifesto da “nova vaga” de Taiwan, reunindo Yang, Hou Hsiao-Hsien e ainda Chu Tien-Wen, coargumentista dos filmes do segundo. É a afirmação de Yang como grande cineasta “urbano”, numa declaração de amor à cidade de Taipei, tendo subjacente uma questão central da sociedade de Taiwan: aqueles que chegaram da “mainland” em 1949, e que dela preservam tantas memórias serão também, pelo menos na geração mais jovem, cidadãos de Taipei? Premiado em Locarno, este foi o primeiro



A Brighter Summer Day © Cortesia Edward Yang Estate-CMPC

filme a chamar as atenções internacionais para o novo cinema de Taiwan.

Sex 14 de Dezembro 21h30

The Terrorizers

Realização Edward Yang **Argumento** Edward Yang, Yeh Hsiao **Fotografia** Chang Chan **Som** Du Du-Chi **Montagem** Liao Ching-Song **Cenografia** Lai Ming-Tiang **Música** Edward Yang, Weng Xiao-Liang **Produção** Lin Deng-Fei, Raymond Chow, Shiui Chao-Lian **Com** Cora Miao, Wang Na, Li Li-Chun, Ma Shao-Jun, Jin Shi-Jye, Gu Bao-Ming · 1h49, 1986

Este extraordinário filme é o anúncio do que será plenamente o cinema de Edward Yang: um complexo retrato de grupo (mesmo que uma das intérpretes, Cora Miao, fosse uma importante vedeta), com uma intriga narrativa de múltiplos fios. O título do filme não deve ser entendido no nosso sentido político de “terroristas”, mas antes de “agentes do terror”, criando uma atmosfera

In our time



opressiva, qual angústia existencial. Quando da apresentação do filme no Festival de Locarno de 1987, uns evocaram Antonioni, outros Wenders. Uma obra-prima, sem dúvida.

Sáb 15 de Dezembro 15h

A brighter summer day

Realização Edward Yang **Argumento** Edward Yang, Hong Hong, Alex Yang, Lai Ming-Tang **Fotografia** Zhang Hui-Gong **Som** Du Du-Chi **Montagem** Chen Bo-Wen **Cenografia** Yu Wei-Yen, Edward Yang **Música** Jan Hung-Da **Produção** Edward Yang, Yu Wei-Yan, Zhan Hong-Zhi, Cheng Sui-Je, Jiang Feng-Chi **Com** Chang Chen, Lisa Yang, Chang Guozhu, Elaine Jin, Wang Ju-An, Chang Han, Chiang Hsiu-Chiung 237'(versão original restaurada pela World Cinema Foundation), 1991

“Setembro, 1960” lê-se num cartão no início do filme, como outros sucessivos irão remetendo para uma cronologia precisa. *A Brighter Summer Day* (retomando o título de uma canção de Elvis Presley) é a apoteose da coralidade nos filmes de Edward

Yang, o retrato de um grupo de adolescentes nos inícios de 60, marcados ainda pela história das suas famílias que chegaram fugidas a Taiwan em 1947 (Yang dedicará o livro que fez sobre o filme “Ao meu pai e à sua geração, que sofreram muito para que nós não sofrêssemos tanto”) mas já culturalmente em vias de ocidentalização. Na sua complexa teia coral, na evocação de um momento preciso e dos anos formativos daquela que viria a ser a geração do novo cinema de Taiwan, *A Brighter Summer Day* é uma absoluta obra-prima.

Dom 16 de Dezembro 15h

A confucian confusion

Realização Edward Yang **Argumento** Edward Yang, Hong Hong **Fotografia** Li Long-Yu, Arthur Wong, Hong Wu-Xiu, Chang Chan **Som** Du Du-Chi **Montagem** Chen Bo-Wen **Cenografia** Edward Yang, Tsai Chin, Ernest Guan, Yao Rei-Zhong **Música** Liu Da-Tao **Produção** Yu Wei-Yen, David Sui **Com** Cheng Shiang-Chi, Ni Shu-Chun, Wang Wyei-Ming, Wang Bo-Sen, Teng Na-Nin, Li Chin, Wang Yeh-Ming, Hong-Hong 2h05, 1994

Outro filme coral, desta vez em torno de oito personagens que entre si vão construindo jogos de relações. Dir-se-ia que uma outra vez Taipei, mais que apenas o espaço de fundo, é

parte integrante da narrativa, mas ao mesmo tempo o filme é tendencialmente abstrato, não sendo fortuito que, caso único, Yang tenha também intervindo diretamente na cenografia. Após uma primeira versão, e queixando-se da produção e distribuição, o realizador retomou o filme, mudando a montagem e tendo também inserido cartões.

Dom 16 de Dezembro 18h30

Mahjong

Realização e Argumento

Edward Yang **Fotografia** Li Long-Yu, Li Xi-Xu **Som** Du Du-Chi **Montagem** Chen Bo-Wen **Música** Li Dao-Tao **Produção** Edward Yang, Yu Wei-Yen **Com** Virginie Ledoyen, Ko Yu-Lun, Tang Cong-Shen, Chang Cheng, Wu Nien-Jen · 2h01, 1996

Na aparência este é um “filme de um gang de jovens”, aliás completamente característicos de Taipé, até no seu jargão. De facto, é mais um passo na observação por Edward Yang da passagem dos valores tradicionais àqueles outros motivados pelo poder e o lucro, em que nem os elementos cómicos nem a história de amor desmentem o extremo pessimismo da observação, aliás acentuado pela tensão que acumula ao longo de planos-sequência particularmente dilatados.

Contact

Ciclo Vinte e sete sentidos · Organização: Granular



QUI 13 DE DEZEMBRO

Sala 2
18h30 · Duração aprox. 1h
3,50€ (preço único)

M12

Sobre o ciclo

“Vinte e sete sentidos”

O século XX começou com o visionarismo de um punhado de artistas que ambicionava ter uma intervenção sinestésica, envolvendo os olhos, os ouvidos, o olfato, o paladar, o tato. No seu poema *An Anna Blume*, Kurt Schwitters referiu-se mesmo em 1919 aos “vinte e sete sentidos da sensorialidade”. Finalmente derrubadas as fronteiras entre as artes, neste início do século XXI vai-se pretendendo lidar com a totalidade da perceção humana. A série “Vinte e sete sentidos” apresenta alguns dos caminhos que estão a ser percorridos rumo a esse velho ideal...

A GRANULAR é uma estrutura financiada pela Direção Geral das Artes/Presidência do Conselho de Ministros – Secretaria de Estado da Cultura

www.granular.pt



Laptop e circuitos eletrónicos Ivan Franco

O Homem atribui símbolos e mapeia o que o rodeia. Na era da computação e da engenharia genética mapeamos mais informação que nunca: não só na ciência, como a biologia ou a geografia, mas também nas nossas relações sociais ou no comportamento dos mercados financeiros.

A máquina digital é também constituída de circuitos eletrónicos e silicone, caminhos onde os eletrões fluem para criar novos mapeamentos de 0's e 1's, posicionados na memória artificial.

Os audiovisuais sintéticos podem também resultar do mapeamento de valores e funções matemáticas a algoritmos de síntese sonora e visual. *Contact* é uma instalação/performance que convida o público a experimentar com construção de conexões que resultam na reconfiguração e mutação de audiovisuais interativos.

Ivan Franco é uma personalidade reconhecida na área das tecnologias interativas, arte digital e inovação. Ganhou diversas bolsas, ensina em universidades e é um orador regular em diversos eventos sobre tecnologia e arte (Tedx, EComm, OFFF, SXSW, NIME).

Um criador multidisciplinar na área da arte digital, os seus trabalhos incluem música eletrónica, instalação interativa e performance contemporânea, tendo estes sido apresentados em diversos circuitos artísticos como o STEIM, Zepellin Festival, Pixelache, Art Futura e KnittingFactory.

Ivan Franco recebeu recentemente o prémio Personalidade 2010, atribuído pela Associação Portuguesa da Promoção dos Multimédia.

<http://ivanfranco.wordpress.com>

We like to create symbols and map everything we see. In the era of computing and genetic engineering, we now map more information than ever before: not only in science, but also our social relations or the behaviour of the financial markets. *Contact* is an installation/performance that invites the public to build connections that lead to the reconfiguration of interactive audio-visuals. Ivan Franco is a prominent figure in the world of interactive technologies, digital art and innovation, whose works include electronic music, interactive installations and contemporary performance.

A Lã e a Neve

uma criação de Madalena Victorino
com música de Carlos Bica e João Paulo Esteves da Silva



© Georges Dussaud

SEX 14, SÁB 15, DOM 16
DE DEZEMBRO

Grande Auditório
21h30 (dom às 17h) · Dur. 1h15
17€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Na sexta-feira 14 de dezembro,
a seguir ao espetáculo, haverá
uma conversa com os artistas
na Sala 1.

Música Carlos Bica e João Paulo Esteves da Silva
Cocriação e interpretação África Martínez Ferrin, Ainhoa Vidal,
André Russo, Helena Martos Ramírez, Marta Silva, Mickael
Gaspar, Patrick Murys, Paulo Mota, Romulus Neagu
Músicos Carlos Bica, João Paulo Esteves da Silva **Direção técnica
e desenho de luz** Joaquim Madaíl **Figurinos** Ainhoa Vidal
Assistência artística Peter Michael Dietz **Filme documentário**
João Vladimiro **Pesquisa e investigação de textos e materiais**
Marta Coutinho **Produção executiva** Teresa Miguel
Uma coprodução Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura
e Culturgest

A lã e a neve são brancas. Trazem no seu dizer o calor e o frio. Penso num inverno que ferve e num inferno branco. Vejo a comunicação entre estas duas formas de branco como vejo os irmãos gémeos, quase evidente, quase impenetrável.

Este trabalho é sobre a beleza da comunicação. Tomo os gémeos e a curiosidade que os envolve como fonte de pesquisa. Os irmãos amam-se, comparam-se e temem-se muito. Os gémeos estão ligados de um outro modo. A percepção do outro, os segredos da proximidade, ser o outro e nós mesmos num contacto; o espaço do outro que entra no nosso tempo, a antecipação, a telepatia, o encontro – Eis os eixos que nos levaram a descobrir gémeos de várias idades que vivem em aldeias da região de Guimarães e numa grande cidade como Lisboa. Fazê-los aproximar-se a propósito de um objeto de dança, música e silêncios que se constrói com eles e com artistas.

A Lã e a Neve é um espetáculo que procura nos corpos dos seus intérpretes a força para sair e rebentar com os limites da comunicação. Iremos certamente escorregar na neve e enlearmo-nos na lã que os tecelões, antigos pastores do norte interior das nossas montanhas, já não tecem.

Queremos saber do sabor da lã. Queremos queimar as mãos com o ardor da neve. A lã e a neve, palavras irmãs, quase iguais, quase distantes.

Madalena Victorino · Porto, 7 de junho, 2012

Wool and snow are white, expressing heat and cold. The communication between them resembles twin brothers, almost evident, almost impenetrable. This work is about the beauty of communication. Twins love, compare and fear one another, but are also connected in another way. The perception of the other, the secrets of proximity, being ourselves and the other in a moment of contact, anticipation, telepathy – these were the axes for our show that searches in the bodies of dancers for the strength to transcend communication. Wool and snow, twin words, almost equal, almost distant.

Madalena Victorino

Exposições

Jef Geys

As Sombras de Lisboa
The Shadows of Lisbon



Página do livro *Todas as fotografias a preto e branco até 1998*

ATÉ 9 DE SETEMBRO

Galeria 1
2€

Curadoria Miguel Wandschneider

Artista de referência máxima no seu país, figura de culto em círculos seletos do mundo da arte internacional, Jef Geys (Leopoldsburg, Bélgica, 1934) participou na Bienal de São Paulo em 1991, na Documenta de Kassel em 2002 e na Bienal de Veneza em 2009, aqui como representante da Bélgica. Não obstante, ele continua a ser um artista pouco e mal conhecido internacionalmente. Para isso contribui, em primeiro lugar, o seu trabalho extremamente idiossincrático, impossível de enquadrar pelas sucessivas conjunturas artísticas, mas também o modo como, desde o início da sua carreira no final da década de 1950, ele construiu uma posição de radical independência e liberdade em relação às forças do mundo da arte (mercado e sistema institucional) e às regras do jogo instituídas nesse contexto. A sua produção artística é inseparável das suas múltiplas atividades enquanto indivíduo na sociedade, por outras palavras, é indissociável das dimensões comuns da sua vida e da realidade envolvente. Esta exposição arrisca a apresentação do trabalho de um artista desconhecido em Portugal através de um novo projeto. Num volumoso livro de quinhentas páginas intitulado *Todas as fotografias a preto e branco até 1998*, Jef Geys compilou essas imagens organizadas em provas de contacto – uma prova de contacto por cada página do livro –, um valioso arquivo de documentação sobre o seu trabalho artístico, sobre a sua vida e sobre o modo como aquele e esta se entrelaçam. As duas últimas provas de contacto reproduzidas no livro correspondem a fotografias tiradas por Jef Geys em Lisboa, em 1998. O projeto por ele agora proposto toma como material de base as trinta e seis fotografias reunidas na última prova de contacto.

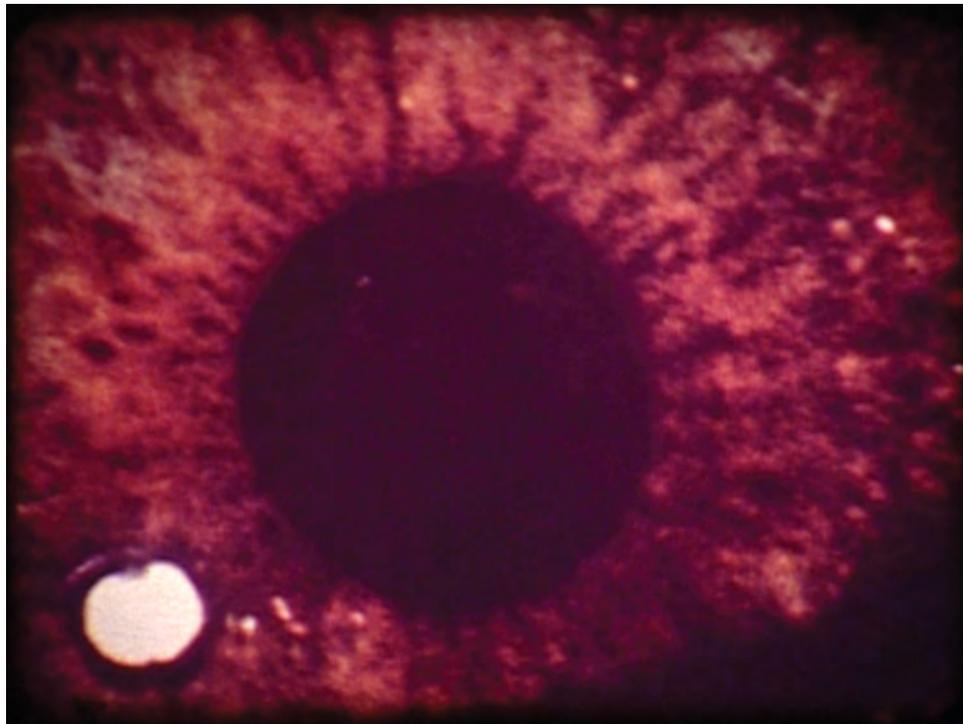
A leading artist in his own country and a cult figure in select circles of the international art world, Jef Geys (Leopoldsburg, Belgium, 1934) participated in the São Paulo Biennial in 1991, in the Kassel Documenta in 2002 and the Venice Biennale in 2009, in this latter case representing Belgium. Nonetheless, he remains an artist who is little known internationally. This situation can be explained, firstly, by his extremely idiosyncratic work, impossible to fit into successive artistic circumstances, but also by the way in which, right from the launch of his career at the end of the 1950s, he began building a position of radical independence and freedom in relation to the forces of the art world (the market and the institutional system) and the rules of the game established within this context. This exhibition boldly presents the work of an artist who is unknown in Portugal in the form of a new project.

Visita guiada por
Miguel Wandschneider
Sábado, 1 de setembro, 17h

António Palolo

Os filmes

The films



OM, 1977-1978

ATÉ 9 DE SETEMBRO

Galeria 2

2€

Curadoria Miguel Wandschneider

Entre o final da década de 1960 e 1978, António Palolo (Évora, 1946-Lisboa, 2000) realizou um conjunto extraordinário de filmes e experiências em filme. Os primeiros filmes, ainda em 8 mm, são animações a preto e branco, construídas a partir de procedimentos de recorte e colagem, que associam, com um humor transbordante, imagens retiradas de revistas e elementos geométricos. Os filmes realizados a partir do início da década de 1970, todos em Super 8 mm, incluem *Drawings/Lines* (1971), uma sequência rítmica de desenhos em contínuo movimento, riscados diretamente na película; *Lights* (1972-1976), uma sequência de imagens abstratas criadas a partir de diversas experiências de manipulação da luz; *Sem título* (1972-1976), uma espécie de súpula das experiências cinematográficas do artista desde o final da década de 1960; ou *OM* (1977-1978), filme genésico, misterioso, em que o pensamento abstrato se transmuta constantemente no concreto da matéria, e o nível microscópico das coisas se permuta com a representação macroscópica do universo. Esta exposição é uma oportunidade única, imperdível mesmo, para conhecer um conjunto de obras e experiências em filme que, apesar da sua enorme importância, não apenas no contexto da obra de António Palolo, mas também na história da arte portuguesa, permanece ainda em grande medida desconhecido dos públicos da arte contemporânea.

Between the end of the 1960s and 1978, António Palolo (Évora, 1946-Lisbon, 2000) made an extraordinary series of films and experiments in film. His first films, shot in 8 mm, are black-and-white animations, constructed according to a cut-and-paste methodology and associating, with great sense of humour, images taken from magazines with geometric elements. The films from the early 1970s onwards, all made in Super 8 mm, include *Drawings/Lines* (1971), a rhythmic sequence of drawings in continuous movement, directly inscribed onto the film strip; *Lights* (1972-1976), a sequence of abstract images created from various experiments with light; *Untitled* (1972-1976), a kind of summary of the artist's cinematic experiments from the late 1960s onwards; and *OM* (1977-1978), a mysterious genesis, in which abstract thought is constantly transformed into concrete substance, and the microscopic level of things interchanges with the macroscopic representation of the universe. This exhibition offers a unique opportunity to discover a series of works and experiments in film that, despite their huge importance both in the context of António Palolo's work and in the history of Portuguese art, still remain largely unknown to contemporary art audiences.

Visita guiada por
Miguel Wandschneider

Sábado, 1 de setembro, 18h30

Rosemarie Trockel

Flagrante Deleite

Flagrant Delight



Nobody will Survive 2, 2008 © Rosemarie Trockel, VG Bild-Kunst, Bonn 2012 · Cortesia Sprüth Magers, Berlim e Londres

DE 13 DE OUTUBRO
A 6 DE JANEIRO DE 2013

Inauguração:
Sexta, 12 de outubro, 22h

Galeria 1
2€

A galeria estará encerrada
nos dias 24 e 25 de dezembro,
e no dia 1 de janeiro de 2013.

Curadoria Dirk Snauwaert

A exposição *Flagrante Deleite* oferece uma perspectiva sobre o trabalho multifacetado de Rosemarie Trockel (Schwerte, Alemanha, 1952), artista de referência na cena artística internacional dos últimos trinta anos. Tomando como *leitmotif* uma extensa série de colagens realizadas desde 2004, a exposição inclui também esculturas muito diversas, objetos de cerâmica e obras de parede feitas com lã. Acedemos assim a uma obra muito heterogênea do ponto de vista dos temas abordados, dos materiais e das técnicas utilizados, das soluções formais e estilísticas exploradas.

Rosemarie Trockel propôs no início da década de 1980 uma alternativa ao formalismo rígido e à pintura expressiva então dominantes. Hoje, décadas mais tarde, os princípios fundamentais que orientam o seu trabalho continuam a envolver uma grande liberdade, a transposição dos limites do academismo, associações convencionais e conhecimento da linguagem, bem como formas e símbolos da vanguarda. O denominador comum às suas obras é a intensidade do conteúdo, que incorpora uma rede de associações e discursos igualmente alargada, que vai das premissas do debate filosófico, teológico e científico ocidental até diversos modelos comportamentais ou a manifestações canônicas da arte. Todo o seu trabalho é formulado a partir de uma perspectiva precisa, poética e explicitamente feminina; uma perspectiva que se estende para além do gesto feminista. O título da exposição faz referência à dualidade ou multiplicidade do seu trabalho: expressivo, brincalhão, divertido, sombrio, obscuro e sempre sensual.

A exposição *Rosemarie Trockel – Flagrante Deleite* é uma colaboração entre o WIELS Contemporary Art Centre, em Bruxelas, a Culturgest e o Museion, em Bolzano.

The exhibition *Flagrant Delight* offers an insight into the multifaceted work of Rosemarie Trockel (Schwerte, Germany, 1952), a major figure on the international art scene for the last thirty years. In the early 1980s, Trockel proposed an alternative to the rigid formalism and expressive painting that dominated the artistic context at the time. Today, a few decades later, the fundamental principles of her practice still involve the notions of liberty and going beyond the limits of academicism, conventional associations and knowledge of language, as well as avant-garde forms and symbols. Taking as its *leitmotif* an extensive series of collages produced since 2004, the exhibition also includes a great variety of sculptures, ceramic objects and wall pieces made with wool. The title refers to the multiple quality of her work: expressive, playful, witty, gloomy, obscure and always sensuous.

Rosemarie Trockel – Flagrant Delight is a collaboration between WIELS Contemporary Art Centre in Brussels, Culturgest and Museion, in Bolzano/Bozen.

Visitas guiadas por
Miguel Wandschneider
Sábados, 27 de outubro,
24 de novembro e 5 de janeiro
de 2013, 17h

Para conhecer as atividades
do Serviço Educativo consulte
as páginas 102 e 105.

Pedro Casqueiro

CULTURGEST PORTO
ATÉ 2 DE SETEMBRO

Entrada gratuita

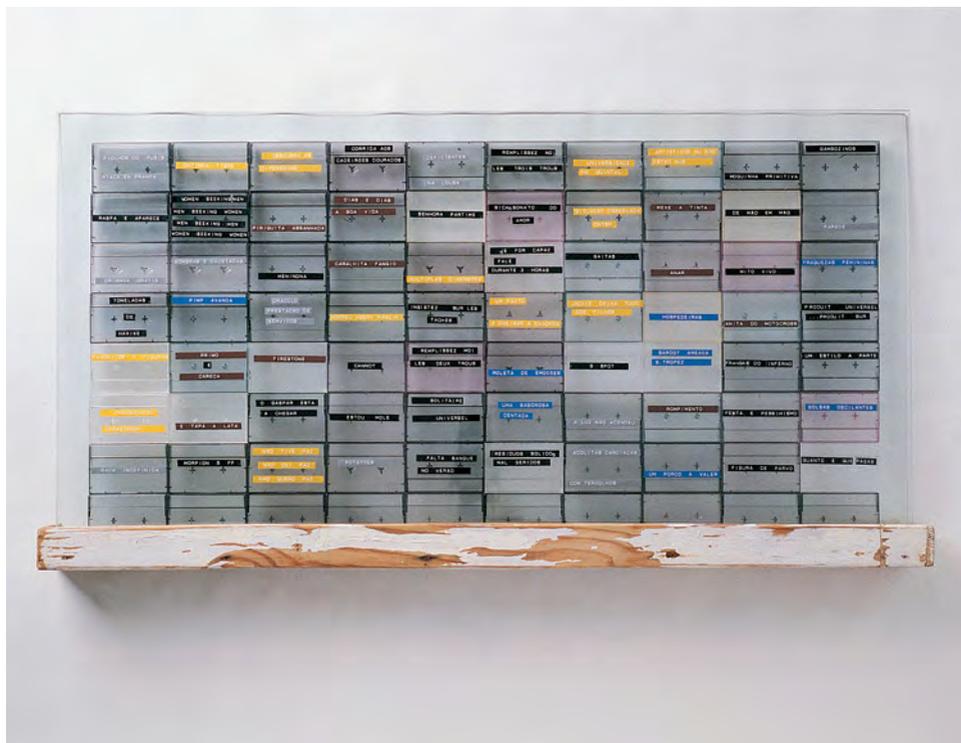
Curadoria Miguel Wandschneider

A expectativa em relação a uma nova exposição de Pedro Casqueiro (Lisboa, 1959) – artista de referência na história da pintura portuguesa desde a década de 1980, já consagrado inclusivamente com uma retrospectiva na Fundação Calouste Gulbenkian, em 1997 – é a de que ela seja em grande medida a confirmação de uma obra já conhecida e perfeitamente consolidada. A presente exposição, contudo, incide sobre uma faceta praticamente desconhecida do seu trabalho. Nos últimos cerca de vinte anos, paralelamente à rotina da sua prática de *atelier*, à margem da sua produção de pintura que foi sendo apresentada publicamente, Casqueiro foi-se dedicando, de forma intermitente, ao sabor das circunstâncias, a realizar obras que se desviam, em maior ou menor grau, do trabalho que dele já se conhece. São na sua maioria obras de pequena dimensão, mas seria um erro considerá-las por isso menores; são obras atípicas, feitas de forma mais imediata, com grande sentido de improvisação, em que incorpora imagens e materiais encontrados, em que utiliza e por vezes combina impressão serigráfica, colagem, ou pintura a acrílico, mas seria igualmente equívoco considerá-las uma mera nota de rodapé no conjunto da sua obra. A exposição compreende cerca de quarenta obras, na sua maioria inéditas.

A new exhibition of Pedro Casqueiro (Lisbon, 1959) – a major reference in the history of Portuguese painting since the 1980s, whose importance was further underlined with his survey exhibition at the Calouste Gulbenkian Foundation in 1997 – brings with it the expectation that we will mainly witness the confirmation of an oeuvre that is already well known and firmly consolidated. This particular exhibition does, however, reveal a practically unknown aspect of his work. Over the last twenty years, in parallel to his daily studio practice and the painting works he has presented publicly, Casqueiro has intermittently dedicated himself to creating works that, to a greater or lesser degree, deviate from his already known artistic production. They are mainly small-sized, but by no means minor works; they are atypical works, being made in a more immediate manner, with a great sense of improvisation, and in which the artist incorporates found images and materials, using and sometimes combining silkscreen printing, collage or acrylic painting. It would nonetheless be wrong to consider them a mere footnote to his work as a whole. The exhibition consists of roughly forty works, most of which have never been shown before.

Visitas guiadas a grupos
escolares e/ou organizados
(a partir de 10 pessoas)

Inscrições e informações:
Tel. 22 2098116 · Fax. 22 2098121
rui.osorio.castro@cgd.pt



Pedro Casqueiro e Ana Jotta. *Solitaire Universel*, 1994 · Coleção da Caixa Geral de Depósitos · Fotografia: Laura Castro Caldas/Paulo Cintra

(pausa)



© DMF, Lisboa

CULTURGEST PORTO**DE 22 DE SETEMBRO****A 29 DE DEZEMBRO****Abertura:****Sábado, 22 de Setembro, 16h****De segunda-feira a sábado,****das 10h às 18h. Encerra aos****domingos e feriados.**

A Culturgest abriu em Lisboa, em fevereiro de 2011, uma livraria especializada em arte contemporânea, cujos títulos são criteriosamente selecionados com base numa pesquisa constante, alheia a preocupações de ordem comercial. A livraria é, em certa medida, contextualizada pelo programa de exposições da Culturgest, ali se encontrando muitas publicações de artistas que aqui expuseram o seu trabalho. Mas estão igualmente bem representados muitos artistas não abrangidos pelo programa de exposições. A livraria inclui uma ampla secção de escritos e entrevistas de artistas, outra de teoria e história de arte, além de uma panóplia de publicações muito diversas que, por vezes, se vão agrupando em pequenas constelações. Artistas e autores consagrados convivem com outros menos conhecidos; editoras de grande dimensão repartem as prateleiras com projetos editoriais de menor escala, ou mesmo de muito pequena dimensão. Quase todas as publicações são disponibilizadas a preços reduzidos, por vezes muito reduzidos, para que cheguem a tantas pessoas quanto possível. Um ano e meio depois da sua abertura, quando a oferta ascende a cerca de quinhentos títulos, entendemos que seria desejável abrir um parêntesis no programa de exposições, para partilhar temporariamente a livraria com o público do Porto.

In February 2011, Culturgest opened a contemporary art bookshop in Lisbon, offering titles that are carefully selected on the basis of continuous research, unaffected by commercial considerations. While to a certain extent the bookshop complements Culturgest's programme of exhibitions, meaning that books on and by artists who have participated in those exhibitions can be found, other artists who fall outside the exhibition programme are equally well represented. The bookshop has large sections of artists' texts and interviews, art theory and art history, together with a panoply of diverse publications that sometimes converge in small constellations. Renowned artists and authors can be found side by side with others who are less well-known; major publishers share shelves with smaller publishing houses and projects. The majority of publications are sold at prices that are reduced, sometimes significantly so, to make them accessible to as many people as possible. One and a half years after opening, with a selection of almost five hundred titles, we decided it was time to temporarily pause the exhibition programme and share the bookshop with the public of Porto.

Renato Ferrão

Peças de substituição
Spare Parts



CHIADO 8
DE 24 DE SETEMBRO
A 16 DE NOVEMBRO

Inauguração:
Sexta, 21 de setembro, 22h

Entrada gratuita

Curadoria Bruno Marchand

A ideia de tensão faz parte do conjunto de interesses que tem dominado as preocupações artísticas de Renato Ferrão (Vila Nova de Famalicão, 1975). Uma parte significativa das obras que apresentou nos últimos anos explorava aquele fenómeno através de instalações nas quais objetos quotidianos eram suspensos por intermédio de cabos extensores, por vezes mesmo de simples elásticos, criando um jogo de dinâmicas que desafiava as leis da física e reagia às características arquitetónicas das salas de exposição. Extrapolando o seu resultado visual, estas explorações concorriam num efeito que confrontava o corpo do espectador na forma de uma ameaça iminente: se, por um lado, a rutura daqueles objetos parecia ser um dado a comprovar a qualquer momento, a sua confirmação comportava um risco evidente para a integridade de todo o espectador apanhado na trajetória daquela anunciada desagregação.

O projeto que Renato Ferrão traz ao Chiado 8 amplia significativamente os processos que tem desenvolvido nesta área, juntando-lhes outros dois dos seus interesses diletos: a mecânica interna dos objetos funcionais e a qualidade da luz como a mais abstrata e a menos tangível das matérias artísticas. Partindo de um objeto compósito formado pela associação de componentes avulsos, esta exposição confronta o espectador com o simulacro de um acontecimento que, combinando a destabilização dos primados escultóricos com uma velada sugestão cinética, nos oferece um vislumbre claro da violência que se insinua por entre toda a tensão.

Tension is one of a group of ideas that has dominated the artistic concerns of Renato Ferrão (Vila Nova de Famalicão, 1975). A significant number of his works over recent years have explored this phenomenon through installations in which everyday objects were suspended by tensioned cables, or sometimes simply by rubber bands, creating a game of dynamics which challenged the laws of physics, reacted to the architectural characteristics of the exhibition spaces and seemed to threaten the visitor's body.

The project which Renato Ferrão will present at Chiado 8 represents a major development of the processes that he has developed in this area, combining them with two of his other particular interests: the internal mechanics of functional objects and the qualities of light as the most abstract and least tangible of artistic materials. Using a composite object formed by the gathering of disparate components as a point of departure, this exhibition confronts the viewer with the simulacrum of an event which, combining the destabilization of sculptural principles with a veiled cinematic suggestion, offers us a clear glimpse of the violence implied in all forms of tension.

Pedro Sousa Vieira



Sem título, 2012 (pormenor)

CHIADO 8
DE 3 DE DEZEMBRO
A 15 DE FEVEREIRO DE 2013

Inauguração:
Sexta, 30 de novembro, 22h

Entrada gratuita

Curadoria Bruno Marchand

Para quem há já demasiado tempo vive sob o jugo da especialização e daquela singela, porém brutal, ideia de que o caminho para a *verdade* das coisas não admite nem inflexões críticas nem deslumbramentos superficiais, o trabalho de Pedro Sousa Vieira (Porto, 1963) é uma espécie de grande exercício herético. Recorrendo a meios tão diversos como o desenho, a pintura, a fotografia, a colagem, a escultura ou, mais recentemente, o vídeo, a prática deste artista recorda-nos que à conceção que defende que o conhecimento só é verdadeiramente possível por via de uma busca sistemática, progressiva e focada, existe uma alternativa que opta por se aproximar dos mistérios do mundo na base da sua diversidade, da sua amplitude e do seu intrínseco fascínio. Sem culpa e sem arrependimento, o método de trabalho deste artista está assente numa total disponibilidade para acolher, inspecionar, perceber e inter-relacionar os mais díspares signos e fenómenos visuais, fazendo do seu processo criativo um ágil e singular dispositivo de teste à resistência das imagens face a esse suposto regime de exceção a que chamamos de experiência artística.

Fruto do seu confortável posicionamento entre meios e da sua atenção difusa, a exposição que Pedro Sousa Vieira traz ao Chiado 8 é repleta de uma ambiguidade produtiva. Nela se confirma essa noção de conhecimento como lugar intersticial onde todas as coisas, reais e fictícias, se interpelam e estabelecem equilíbrios precários, concorrendo num plano de entendimento que só produz sentido quando admitimos que nem tudo tem que ser exatamente o que parece.

For anyone still labouring under the yoke of specialisation and the simple, yet brutal, idea that there is no place on the path to the *truth* of things for critical inflections or superficial wonderment, the work of Pedro Sousa Vieira (Porto, 1963) is a kind of full-blown heretical exercise. Using mediums as diverse as drawing, painting, photography, collage, sculpture and, more recently, video, the practice of this artist reminds us that the belief that knowledge can only truly be attained through a systematic, progressive and focused search is countered by an alternative which chooses to consider the world's mysteries in terms of their diversity, breadth and inherent fascination. The unapologetic working method of this artist is based on a total openness to accepting, examining, perceiving and interrelating the most disparate signs and visual phenomena, using his creative process as an agile and singular device for testing the resistance of images to this supposedly exceptional realm that we call artistic experience.

Serviço Educativo

(Trans)Ações

Programa anual com escolas e para escolas '12-13

Marcação prévia · Lotação limitada

De setembro de 2012
a junho de 2013

Do 1.º ciclo
ao ensino secundário

Chamámos (Trans)Ações à 1.ª edição do nosso programa anual para escolas por acreditarmos que são necessários movimentos mais perenes do que meras ações com professores ou com turmas.

Acreditamos que são necessários movimentos de partilha, de visita mútua, de aprendizagem e de construção de cumplicidades.

Movimentos que transponham as ações. De mútuo conhecimento em mútuo consentimento.

Gostamos de arte e cultura contemporâneas. Não gostamos de solidão. Gostamos de nos (re)inventar e de (re)aprender.

Gostamos que nos contrariem. Gostamos de inovar mas também gostamos de homenagens e da tradição. Gostamos de giz, de papel e de ecrãs táteis. Acreditamos em equipas transdisciplinares, trans-etárias e transnacionais. Desejamos partilhar os nossos gostos. Contagiamos quem connosco viaja. Queremos viajar com quem nos contagia. Seguimos viagem?

Em formato experimental mas com parceiros de renome, o nosso programa anual para escolas entra no seu ano piloto pleno de partilhas, de construção coletiva e de vontade de potenciar encontros e aprendizagens mútuas, sempre com a prática e a aprendizagem artísticas em mente.

Apresenta-se com duas modalidades distintas mas complementares:

- Formação para adultos (professores, educadores, curiosos da educação e das artes)
- Atividades para turmas (dentro e fora da Culturgest)

Para mais informações solicite o programa anual através do e-mail culturgest.servicoeducativo@cgd.pt

Em colaboração com: Apordoc, Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual (APECV), Programa de Educação Estética e Artística do Ministério da Educação e a Zero em Comportamento



O ensino (através) do documentário doclisboa 2012

O festival decorre entre 18 e 28 de outubro · Mais informações na página 38 deste programa

Curso

Sáb 15 e 22 de setembro,
das 14h30 às 18h30

Duração total do curso: 8h

Marcação prévia
2€ por sessão · Confere direito
a certificado de participação
Lotação limitada

O potencial do documentário como ferramenta educativa não se limita ao seu conteúdo narrativo nem mesmo às temáticas que aborda. Saber ver, saber interpretar e saber saborear um documentário não passa necessariamente por saber realizar um filme. De que modo, então, o documentário pode ser utilizado na sala de aula sem fragilizar o seu conteúdo artístico e, em simultâneo, sem dedicar uma aula exclusivamente à temática trazida pelo documentário?

Nestas sessões, a equipa de conceção e produção do festival doclisboa 2012 apresentará três filmes emblemáticos da história do documentário de modo a refletir – em debate com professores e educadores – sobre aquele que é o frágil, mas real, equilíbrio entre ensinar “o que é” documentário e ensinar “através” do documentário.

Os encontros serão compostos pela projeção de um filme, seguido de um debate e da realização de diferentes *workshops* práticos nas áreas da Filosofia e Sociologia, das Letras, das Artes Visuais e da História e Geografia.

Moderadores Catarina Mourão (Artes Visuais), Cátia Salgueiro (Letras), Cíntia Gil (Filosofia e Sociologia) e José Filipe Costa (História e Geografia)

Em colaboração com: Apordoc – Associação Portuguesa para o Documentário e o Programa de Educação Estética e Artística do Ministério da Educação



doclisboa 2012 10º Festival Internacional de Cinema

O festival decorre entre 18 e 28 de outubro · Mais informações na página 38 deste programa

Antevisão do festival

Qua 10 de outubro, 18h30

Marcação prévia
Participação gratuita
Lotação limitada

Nesta sessão – exclusiva a professores e educadores – será possível visionar alguns filmes selecionados para o festival doclisboa 2012. Em mesa redonda, com debate e entrevista, será também possível conhecer a equipa de conceção e produção do festival.



Em colaboração com: Apordoc – Associação Portuguesa para o Documentário e o Programa de Educação Estética e Artística do Ministério da Educação

A arte contemporânea como ferramenta para a sala de aula

Curso

Sáb 6 de outubro de 2012,
23 de fevereiro e 6 de abril
de 2013, das 10h às 17h30

Duração total do curso: 18h

Marcação prévia

1 sessão: 30€ · 3 sessões: 75€

Confere direito a certificado
de participação e a unidades de
crédito · Lotação limitada

Pode a arte contemporânea ser um recurso para o trabalho em sala de aula? Como aproveitar uma visita a uma exposição, o trabalho expressivo dos alunos ou até imagens de obras de arte para potenciar o currículo escolar? Qual o potencial do recurso à arte contemporânea para trabalhar na escola? O que se está a perder? O que já se está a fazer bem? O que pode ser melhorado? Que exemplos podem ser recuperados?

Do espírito crítico ao desenvolvimento da criatividade, este breve curso teórico-prático de 3 sessões, pretende partilhar com professores e educadores algumas das mais-valias de recorrer à arte contemporânea para estimular o gosto pela aprendizagem divergente e artística.

Um curso organizado por professores, orientado por professores, com exemplos práticos retirados da sala de aula mas com uma forte ligação aos nossos museus e centros de arte contemporânea.

Oradores convidados Elvira Leite, Fernando Hernández e Jorge Larrosa **Artistas convidados** Rui Rebelo e Marta Silva

Programa completo em www.culturgest.pt/se
Informações e inscrições: culturgest.servicoeducativo@cgd.pt
apecv@apecv.pt

Em colaboração com: Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual (APECV) e o Programa de Educação Estética e Artística do Ministério da Educação



Gostaria de participar nestes encontros apresentando um exemplo pessoal retirado do museu ou da sala de aula?

Vamos selecionar 4 propostas de trabalho que provoquem a discussão e a reflexão junto dos participantes.

Data limite para envio de propostas: 24 de setembro de 2012.



Atividades para educadores em museus e mediadores culturais

O ensino (através) do documentário doclisboa 2012

Curso

Mais informações na
página 99 deste programa

Sábados, 15 e 22 de setembro, das 14h30 às 18h30

Duração total do curso: 8h · Marcação prévia

A arte contemporânea como ferramenta para a sala de aula

Curso

Mais informações na
página 100 deste programa

Sábados, 6 de outubro de 2012, 23 de fevereiro e 6 de abril
de 2013, das 10h às 17h30

Duração total do curso: 18h · Marcação prévia

Da ativação à participação do público sénior em atividades de museus e centros culturais

Curso

Segundas e quartas-feiras,
21, 26 e 28 de novembro,
3, 5, 10 e 13 de dezembro,
das 18h30 às 21h30

Duração total do curso: 21h

Marcação prévia · 65€

Confere direito a certificado
de participação

Lotação: 25 lugares

Não-público, anti-público ou público potencial? Como podemos definir o público sénior dentro dos nossos museus e centros culturais? A participação (ou ausência de participação) do público sénior em atividades culturais de museus é fruto da oferta ou do interesse pessoal daqueles públicos? Na era em que o envelhecimento da população é uma realidade, o que fazemos (e o que podem fazer) os nossos museus e centros culturais para cativar e acolher estes públicos?

Com este curso de sete sessões procuraremos dar resposta a estas (e muitas outras) questões oferecendo, em simultâneo, uma contextualização histórica, social e jurídica da velhice, bem como algumas referências de atividades sociais e culturais de relevância nacional e internacional.

Programa completo em www.culturgest.pt/se



Com o apoio de:
Instituto do Envelhecimento da Universidade de Lisboa

Atividades para adultos

(Per)Cursos com arte

Marcação prévia · 3€ (preço por sessão) · Duração aproximada: 1h30

Breves aulas de História da Arte concebidas para melhor compreender a Arte dos nossos dias.

Ready-mades e Objects trouvés: um feliz acaso?

3.ª parte: a poética na atualidade
Terça-feira, 18 de setembro, 12h30
Com Joana Batel

O som enquanto matéria prima de algumas artes contemporâneas 1.ª parte

Terça-feira, 2 de outubro, 12h30
Com Rui Pereira Jorge

O som enquanto matéria prima de algumas artes contemporâneas 2.ª parte

Terça-feira, 20 de novembro, 12h30
Com Rui Pereira Jorge

Do objeto para o *modus operandi*, a partilha da responsabilidade

Terça-feira, 4 de dezembro, 12h30
Com Carolina Rito



Rosemarie Trockel Exposição

Percursos e conversas na galeria que requerem apenas o bilhete de entrada na exposição

A exposição decorre de 13 de outubro a 6 de janeiro de 2013 · Galeria 1

Mais informações nas páginas 86 e 87 deste programa

Visitas guiadas por Miguel Wandschneider

Sábados, 27 de outubro, 24 de Novembro, 5 de Janeiro 2013, 17h

Visitas à hora do almoço

Quarta-feira, 24 de outubro, 12h10
Quinta-feira, 8 de novembro, 13h10
Quarta-feira, 21 de novembro, 13h10
Quinta-feira, 6 de dezembro, 12h10

Audioguide gratuito disponível à entrada da exposição



Atividades para crianças e jovens

Celebra o teu dia de anos com arte

Marcação prévia · 185€ (por grupo) · Dos 5 aos 12 anos
Para grupos organizados (mínimo 10 crianças, máximo 20 crianças)

A atividade inclui:
Oficina (2h30)
Espaço livre e mesa (30 minutos)
1 artista orientador
1 assistente acompanhante

Oficinas práticas de expressões artísticas variadas

Num espírito lúdico e suavemente educativo, estas oficinas promovem o contacto com as artes, desenvolvem a criatividade e estimulam o pensamento divergente.

Enquanto os mais novos se divertem... desafie os outros pais!

Enquanto o grupo de crianças está na oficina, convide os outros pais para uma atividade (gratuita) na galeria. A atividade termina um pouco antes do final da oficina das crianças.

Existem várias atividades disponíveis. Solicite o programa específico através do e-mail: culturgest.servicoeducativo@cgd.pt

Férias de Natal na Culturgest

De 17 a 21 de dezembro · 40€ · Marcação prévia · Lotação limitada
Dos 5 aos 7 anos · Dos 8 aos 12 anos · Das 10h às 13h e/ou das 14h30 às 17h30

Oficinas de 5 sessões (de manhã ou de tarde).

Desconto de 30% aos colaboradores da CGD e na inscrição do segundo filho (desconto não acumulável e que incide no menor valor).

Almoço disponível para inscrições de dia inteiro. O desconto não é aplicável ao valor do almoço.

Possibilidade de acolhimento das crianças no horário entre as 9h e as 10h e as 17h30 e as 18h30 · Taxa adicional diária: 2€ · Para os 5 anos será solicitado um comprovativo de idade.

O Som

É o som um recurso exclusivo da música? Será possível moldar e esculpir o som como se de uma matéria-prima se tratasse? O que são esculturas sonoras? Como é que os artistas, ao longo da história da arte, trabalharam com o som? Diferentes artistas, de diferentes expressões artísticas, procurarão dar uma resposta criativa a este tema.

Programa completo, a partir de 1 de outubro, em www.culturgest.pt/se



(Trans)Ações

Programa anual com escolas e para escolas '12-13

Marcação prévia · Lotação limitada

De setembro de 2012
a junho de 2013

Do 1.º ciclo ao ensino secundário.

Mais informações na
página 98 deste programa

Para mais informações solicite o programa anual
através do e-mail culturgest.servicoeducativo@cgd.pt

doclisboa 2012 10º Festival Internacional de Cinema

Duração aproximada: 2h · Marcação prévia · Lotação limitada · 1,50€

O festival decorre entre 18 e 28 de outubro

Oficinas práticas,
durante o festival.

Mais informações na
página 38 deste programa

Oficinas de desenvolvimento prático das sessões assistidas 3.º ciclo e ensino secundário

Após assistir ao filme, os alunos poderão participar numa oficina prática onde darão largas à imaginação e à criatividade. Nestas sessões, para além do trabalho prático, será dado destaque ao debate e à reflexão crítica.



Rosemarie Trockel Exposição

Marcação prévia · Visita jogo (duração aprox. 1h): 1€ · Visita oficina (duração aprox. 2h): 2,50€

A exposição decorre
de 13 de outubro a 6 de janeiro
de 2013 · Galeria 1

Mais informações nas páginas
86 e 87 deste programa

O que se esconde nos objetos Pré-escolar

Existem tantos objetos à nossa volta! Como identificar, guardar e conhecê-los a todos? Nesta visita, e tal como um cientista que tenta descobrir e organizar o mundo que o rodeia, vamos explorar ao pormenor os objetos, as suas diferentes características e possibilidades.

Conceção Ana Nunes, Ana Teresa Magalhães, Susana Alves

Montra de curiosidades 1.º e 2.º ciclos

Que histórias escondem os objetos? Que memórias acumularam ao longo dos tempos e que novos significados conseguimos produzir com eles?

Conceção Ana Nunes, Ana Teresa Magalhães, Susana Alves

Arte com estilo 3.º ciclo e Ensino Secundário

Através destas obras vamos explorar um pouco da História da Arte e refletir sobre as questões de identidade tão presentes no trabalho desta artista.

Conceção Ana Nunes, Ana Teresa Magalhães, Susana Alves

Movo-me logo existo! Todas as faixas etárias

Embora por vezes estáticas as obras de arte incitam ao movimento! Em atos expressivos vamos representar o que nos rodeia e encontrar diferentes relações entre o corpo e a forma.

Conceção Ana Nunes, Ana Teresa Magalhães, Susana Alves

Os colaboradores do Serviço Educativo durante esta temporada são:

Alice Neiva (artista plástica)

Ana Gonçalves (teoria da arte)

Ana Nunes (teoria da arte, expressão dramática e filosofia)

Ana Teresa Magalhães (artes visuais)

Bruno Marques (teoria da arte)

Carolina Rito (formadora)

Inês Gonçalves (artes plásticas)

Irina Raimundo (artista plástica)

Isabel Gomes (produção e assistência)

Joana Barros (expressão dramática, teatro e movimento)

Joana Batel (teoria da arte)

Joana Graça (várias expressões)

Joana Ratão (artista plástica)

João de Brito (expressão dramática... ou teatro... ou movimento...)

Leonor Cabral (expressão dramática)

Luísa Fonseca (estágio profissional)

Márcia Lança (movimento)

Maria Almeida (várias expressões)

M^a Rita Martins (produção)

Mariana Lemos (movimento)

Marta Ochôa (produção)

Pietra Fraga (produção)

Raquel dos Santos Arada (coordenação)

Rui Pereira Jorge (formador)

Rui Rebelo (música e som)

Susana Alves (miscelânea de expressões)

Tiago Ortis (movimento e expressão dramática)

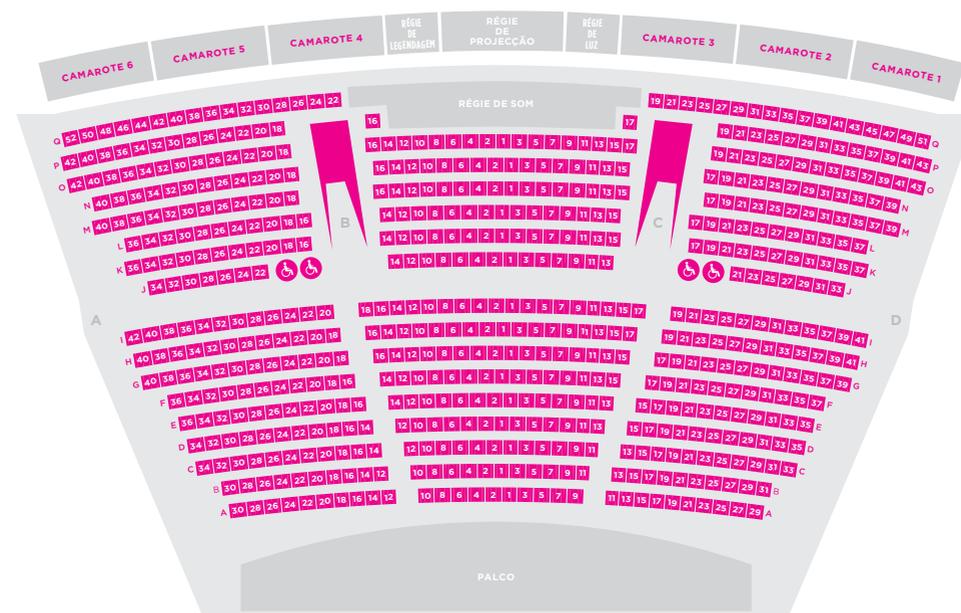
Vitor Fernandes/BitOcas (música e som)

Yola Pinto (movimento)

Inscrições e informações

Telefone: 21 761 90 78 · Fax: 21 848 39 03 · E-mail: culturgest.servicoeducativo@cgd.pt

Horário de atendimento telefónico: das 10h30 às 12h30 e das 14h30 às 17h



Grande Auditório

GALERIAS

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h (última admissão às 18h30).
Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h (última admissão às 19h30).
Encerram à terça-feira.
Guias áudio disponíveis gratuitamente.

Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

BILHETEIRA

Horários de funcionamento

Bilheteira do átrio de entrada

De segunda a sexta-feira das 14h às 19h.
Em dias de espetáculo das 14h até à hora de início do mesmo.
Nos períodos em que não há exposições: de segunda a sexta-feira das 11h às 19h.
Sábados, domingos e feriados das 14h às 20h.

Bilheteira das galerias

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h.
Sábados, domingos e feriados das 14h às 20h.
Encerra à terça-feira e nos períodos em que não há exposições.

Em ambas as bilheteiras podem adquirir-se bilhetes para espetáculos e exposições.

Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser levantados até 48 horas antes do espetáculo.

ASSINATURAS

Podem ser adquiridas para 4 ou mais espetáculos, beneficiando de um desconto de 40%. São válidas no limite dos bilhetes disponíveis. As assinaturas possibilitam a entrada gratuita nas galerias.

DESCONTOS

Exposições

30% a jovens até aos 25 anos, maiores de 65 anos, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).
40% a titulares dos cartões **Caixautomática Universidade/Politécnico**, **ISIC** (International Student Identity Card) e **ITIC** (International Teacher Identity Card); titulares do cartão **Caixa Fã** que o utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
Entrada gratuita a titulares do cartão **ICOM** e a jovens até aos 16 anos.
Entrada gratuita a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

Espetáculos

30% a maiores de 65 anos, profissionais do espetáculo, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes) e titulares dos cartões **Caixagold**, **Visabeira Exclusive**, **Caixa Woman**, **Caixa Drive** e **Caixa Leisure**, que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
40% a titulares dos cartões **Caixautomática Universidade/Politécnico**, **ISIC** (International Student Identity Card) e **ITIC** (International Teacher Identity Card); titulares do cartão **Caixa Fã** e **Caixa Activa** que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
50% a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

Jovens até aos 30 anos e desempregados: 5€
Preço único sem descontos.

Os descontos não são acumuláveis.

LIVRARIA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 11h às 19h.
Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h.
Encerra à terça-feira e nos períodos em que não há exposições.
Telefone: 21 790 51 55

CAFETARIA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 10h às 18h30.
Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h.
Nos dias de espetáculo, até à hora de início do mesmo.

CULTURGEST

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos
Rua Arco do Cego nº 50, 1000-300 Lisboa
Metro: Campo Pequeno
Autocarros: Campo Pequeno 54 e 56;
Av. da República 21, 36, 44, 45, 49, 83, 90, 91, 727, 732 e 738; Av. de Roma 7, 35, 727 e 767;
Praça de Londres 7, 22, 40 e 767

CULTURGEST PORTO - GALERIA

Horário de funcionamento

Aberta de segunda-feira a sábado, das 10h às 18h (última admissão às 17h45)
Encerra aos domingos, feriados e nos períodos em que não há exposições.
Edifício Caixa Geral de Depósitos
Avenida dos Aliados nº 104, 4000-065 Porto
Telefone: 22 209 81 16

CHIADO 8 ARTE CONTEMPORÂNEA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 12h às 20h
Encerra aos fins de semana e feriados
Largo do Chiado nº 8, 1249-125 Lisboa
Telefone: 21 323 73 35
www.fidelidademundial.pt

INFORMAÇÕES E RESERVAS

Bilheteira Culturgest
21 790 51 55
culturgest.bilheteira@cgd.pt

Ticketline

Reservas e informações 1820 (24 horas)
Pontos de venda Agências Abreu, Galeria Comercial Campo Pequeno, Casino Lisboa, C.C. Dolce Vita, El Corte Inglés, Fnac, Megarede, Worten e www.ticketline.sapo.pt

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Acesso a deficientes

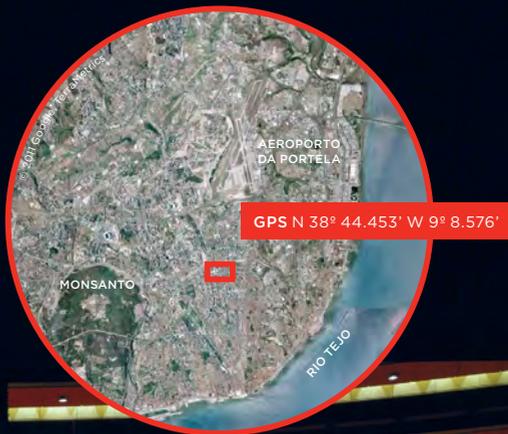
Áreas acessíveis a deficientes, por rampas ou elevadores: bilheteira, galerias e auditórios. Assistência a deficientes motores sempre que requisitada previamente na bilheteira. Entrada gratuita concedida a um acompanhante, no limite dos lugares disponíveis.

Programa sujeito a alterações.

As bilheteiras, as galerias e a livraria encerram nos dias 24 e 25 de dezembro, e no dia 1 de janeiro 2013.

Informamos que, para economizar energia e por razões ambientais, deixou de estar disponível o estacionamento no edifício da Caixa Geral de Depósitos para os portadores de bilhetes para os espetáculos ou de convites para as inaugurações.

Não faça do seu evento
um acontecimento periférico.
**Temos o espaço para si
no centro de Lisboa.**
Venha conhecer-nos.



Informações 21 790 54 54
culturgest.ac@cgd.pt
www.culturgest.pt

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

APOIOS



Apoio na divulgação:



Fundação Caixa Geral de Depósitos – Culturgest

Edifício da Sede da CGD · Rua Arco do Cego nº 50, Piso 1, 1000-300 Lisboa
Tel 21 790 51 55 · Fax 21 848 39 03 · culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Se quiser receber a programação da Culturgest
telefone-nos, escreva-nos, envie um fax ou um e-mail
para culturgest.newsletter@cgd.pt

▼ Destaque pelo picotado e dobre em três partes ▼

GALERIAS

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h
(última admissão às 18h30).
ENCERRAM À TERÇA-FEIRA.
Sábados, domingos e feriados, das 14h
às 20h (última admissão às 19h30).
Guias áudio disponíveis gratuitamente.

Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

BILHETEIRA

Horários de funcionamento

Bilheteira do átrio de entrada

De segunda a sexta-feira das 14h às 19h.
Em dias de espetáculo das 14h até à hora
de início do mesmo. Nos períodos em que não
há exposições: de segunda a sexta-feira
das 11h às 19h. Sábados, domingos e feriados
das 14h às 20h.

Bilheteira das galerias

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h.
Encerra à terça-feira e nos períodos em
que não há exposições patentes. Sábados,
domingos e feriados das 14h às 20h.

Em ambas as bilheteiras podem adquirir-se
bilhetes para espetáculos e exposições.

Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas
por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser
levantados até 48 horas antes do espetáculo.

CULTURGEST

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos
Rua Arco do Cego nº 50, 1000-300 Lisboa

CULTURGEST PORTO – GALERIA

Horário de funcionamento

Aberta de segunda-feira a sábado, das 10h
às 18h (última admissão às 17h45)
ENCERRA AOS DOMINGOS E FERIADOS.
Edifício Caixa Geral de Depósitos
Avenida dos Aliados nº 104, 4000-065 Porto
Telefone: 22 209 81 16

CHIADO 8 ARTE CONTEMPORÂNEA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 12h às 20h
Encerra aos fins de semana e feriados.
Largo do Chiado nº 8, 1249-125 Lisboa
Telefone: 21 323 73 35
www.fidelidademundial.pt

INFORMAÇÕES E RESERVAS

Bilheteira Culturgest

21 790 51 55

culturgest.bilheteira@cgd.pt

Ticketline Reservas e informações: 1820 (24h)

Pontos de venda: Agências Abreu, Galeria
Comercial Campo Pequeno, Casino Lisboa,
C.C. Dolce Vita, El Corte Inglés, Fnac,
Megarede, Worten e www.ticketline.sapo.pt

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Setembro Dezembro 2012

CALENDÁRIO

Culturgest
uma casa do mundo